

RELATÓRIO 3 B

3ª SESSÃO: *A Felicidade é subestimada*, Rui Chafez

5º Ano

(Grupo B)

CCMA, 11 Fevereiro 2011

Índice

	Pág.
RELATÓRIO DA DISCUSSÃO (Procedimentos)	3
Análise de relevância temática da discussão	4
Leitura da obra	4
Agenda da Discussão	4
Discussão	6
“A felicidade é subestimada”	8
Obra enquanto Arte	9
Descrição da Obra	11
Título vs Obra	12
"O que é que se está a subestimar?"	14
Análise de relevância da discussão por género (Crianças-participantes e Adultos)	16
1. O que significa subestimar?	17
2. Qual é o significado de arte?	19
3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?	21
4. Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas?	23
5. O que é que nós estamos a subestimar?	25
Análise etnográfica do registo de vídeo	27
Retratos e análise de participação por indivíduo (Crianças-participantes e Adultos)	31
CONCLUSÕES FINAIS	37
REGISTO DE CONTROLO	41
Análise da obra e enquadramento no espaço	42
Avaliação da sessão	43
Discussão	44
Observação participante	45
Avaliação da construção de teorias enraizadas	46
Avaliação do processo de pesquisa	47

RELATÓRIO DA DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente relatório referem-se a um grupo de 15 crianças-participantes (7 rapazes e 8 raparigas) com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos de idade e de 2 adultos: professor (CONV1) e investigadora (INV), que participaram na Sessão de Filosofia que teve lugar no dia 11 de Fevereiro de 2011, com a duração de 33 minutos, no CCMB (Algés). O grupo de crianças-participantes supracitado pertence à turma do 5º ano de escolaridade do ano lectivo 2010/2011 e é constituída por um total de 15 crianças (7 rapazes e 8 raparigas).

Procedimentos

O R3B reporta-se à exposição colectiva intitulada XXI. Esta Sessão incluiu a visita à totalidade da exposição, porém, abordou apenas a peça do escultor Rui Chafes, *A Felicidade é Subestimada* (escultura em ferro, 210 x 110 x 35 cm).

A escolha da obra em referência respeitou o pressuposto de preservação do protocolo de Matthew Lipman assumido por esta investigação.



Fig.1 – *A Felicidade é Subestimada*, Rui Chafes

A escolha da obra reteve-se na particularidade do título e no que este poderia suscitar, ou não, em associação com a leitura da própria obra.

ANÁLISE POR RELEVÂNCIA TEMÁTICA DA DISCUSSÃO

A ARTD resultou da análise da **Agenda da Discussão** (2ª Fase da Sessão) e da **Discussão** (3ª Fase da Sessão) e manteve os objectivos sinalizados no R1A: constituir uma visão de conjunto dos temas lançados na **Discussão** pelas crianças-participantes, numa perspectiva *Grounded theory*.

Para a 3ª Sessão B manteve-se o mesmo sistema de categorização anteriormente estabelecido: registar a organização natural da própria **Discussão** por fases alternadas ou distintas (Categorização processual); observar a pertinência de um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencie uma ideia, conceito ou fenómeno que circunscreva ou auxilie a teoria constituída (Categorização estrutural); investigar e registar os elementos descritivos da(s) obra(s) e que tipos de relações estabelecem entre si (Categorização descritiva); investigar e registar como é que na percepção e experimentação da obra se relacionam estes elementos descritivos, ou seja, como é que se estabelece o fenómeno revelador da experiência estética (Categorização por valorização).

Leitura das obras (1ª Fase da Sessão)

A **Leitura das obras** teve a duração aproximada de 1 minutos e 14 segundos.

A 3ª Sessão B teve início depois das crianças-participantes e os facilitadores sentaram-se em meia-lua diante da obra com a intervenção do CONV1 que se debruçou sobre um breve esclarecimento sobre o significado do termo *subestimada* presente no título da obra. Posteriormente, após um breve esclarecimento sobre os procedimentos, de como estes se assemelhavam à sessão anterior, foi esclarecida utilização do MP4 para gravação de som das suas intervenções e como passa-palavra.

Observadas as necessidades de comportamento e recolha de dados, foi solicitado às crianças-participantes que observassem atentamente a obra em referência para a discussão, dando-se, assim, início à **Leitura da obra**.

Agenda da discussão (2ª Fase da Sessão)

A **Agenda de Discussão** foi registada uma duração aproximada de 8 minutos.

Code: AGENDA DA DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA PROCESSUAL (teorização activa)

A constituição da **Agenda da discussão** não causou qualquer tipo de constrangimento nas crianças-participantes.

As crianças-participantes apresentaram 7 questões:

- | | |
|---|-------------------|
| 1. Porque é que estes objectos são muito grandes? | IND N (Masculino) |
| 2. Porque é que são todas pretas e não têm côr? | IND J (Masculino) |
| 3. Porque é que umas muletas gigantes é arte? | IND L (Masculino) |
| 4. Porque é que o título diz que a felicidade é subestimada e a peça são muletas? | IND G (Feminino) |
| 5. Como é que alguém pode usar este objecto “muletas”, ser feliz e subestimar ao mesmo tempo? | IND F (Feminino) |
| 6. Porque é que alguém há-de subestimar umas muletas? | IND E (Feminino) |
| 7. Se são muletas, porque é que estão pegadas? | IND C (Feminino) |

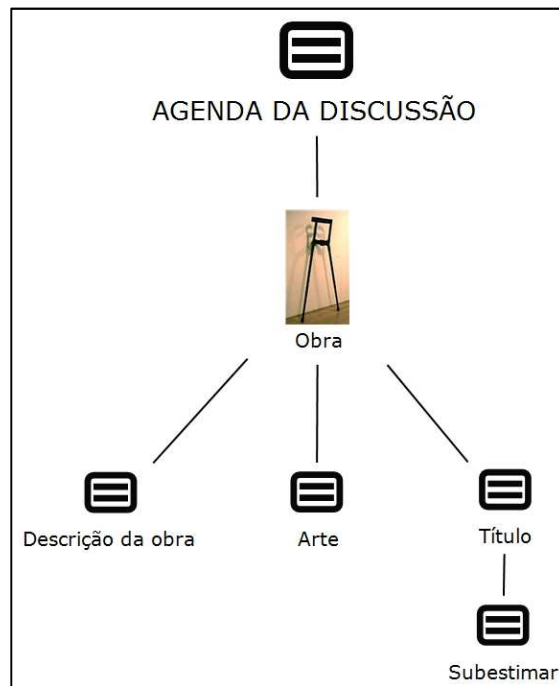


Fig. 2 - Agenda da Discussão (Diagrama)

A categoria **Agenda da Discussão** (Fig.2) formou-se a partir de 7 questões que evidenciaram a preocupação em reconhecer na **Obra**, nas suas qualidades formais o seu sentido simbólico (**Descrição da Obra**), seja através do modo como esta serve a sua condição (**Arte**), seja através da sua denominação (**Título**).

Neste contexto, a estruturação da teoria revelada em análise da **Agenda da Discussão** (Fig.2) mostra que esta estabelece um primeiro instante de carácter puramente perceptivo da **Obra** que define a necessidade de **Descrição da Obra** (1ª, 2ª e 7ª Questão); surge, igualmente, a necessidade de interrogar sobre como a peça em questão serve o seu domínio ou condição – **Arte** (3ª Questão); e ainda, o sentido desta condição associada à compreensão do significado do termo *subestimar* intrínseco ao **Título** da Obra (4ª, 5ª e 6ª Questão).

Os elementos mencionados determinam o carácter de uma vontade explicativa da **Obra** em referência com *o que é, onde se insere e com que sentido*.

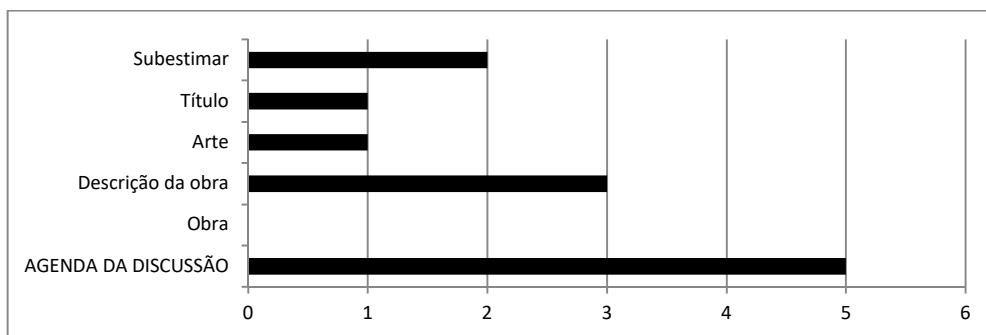


Fig. 3 - Agenda da Discussão (ARTD)

Na ARTD da categoria **Agenda da Discussão** desta Sessão (Fig.3) fixa a relação directa que se estabelece com a **Obra** em referência, sendo que esta se apresenta como subcategoria estruturante, uma vez que determina o âmbito da teorização, porém, sem qualquer referência a destacar.

Assim, o carácter explicativo da **Obra** em referência, no seu primeiro instante, define a necessidade de **Descrição da Obra** Ex: "Porque é que estes objectos são muito grandes?" IND N (Masculino); surge, igualmente, a necessidade de determinar como estes elementos servem a sua natural condição de **Arte** Ex: "Porque é que umas muletas gigantes é arte?" IND L (Masculino); e ainda, como se estabelece o sentido desta em relação ao termo *subestimar*, vaticinado como essencial pelo CONV1 quando inicia a Sessão com a explicação dos significantes que constituem o **Título da Obra** Ex: "Porque é que o título diz que a felicidade é subestimada e a peça são muletas?" IND G (Feminino).

Discussão (3ª Fase da Sessão)

O registo da **Discussão** verificou uma duração aproximada dos 33 minutos.

Code: DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA PROCESSUAL (teorização activa)

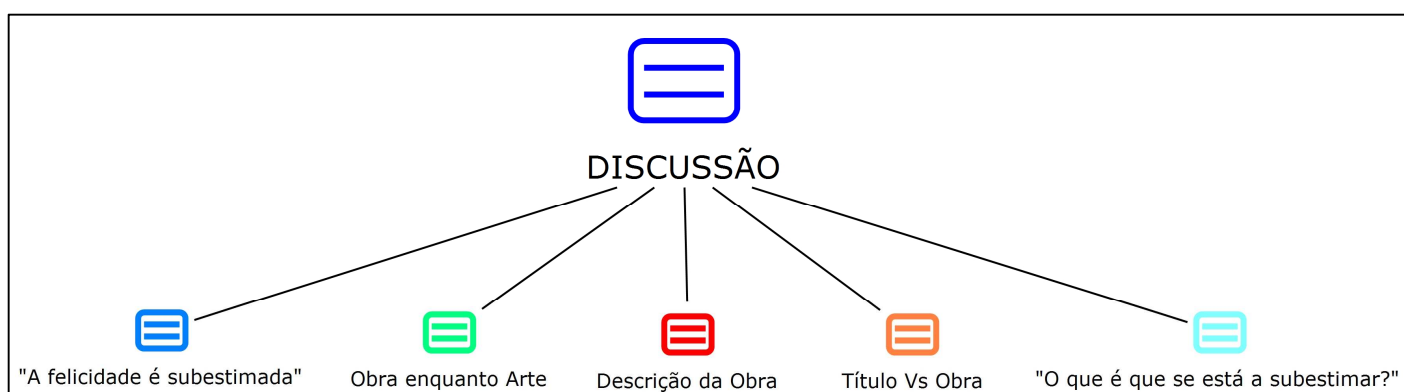


Fig. 4 - DISCUSSÃO
(Diagrama)

A categoria **Discussão** (Fig.4) caracteriza a 3ª Fase da Sessão.

Nesta Sessão, a categoria **Discussão** apresenta uma estrutura simples e linear e constitui-se a partir da leitura e interpretação da obra referenciada *A felicidade é subestimada*. Neste contexto, estabeleceu-se a subcategoria “**A felicidade é subestimada**” que foi introduzida no início da Sessão pelo CONV1 para que se observasse o termo *subestimar* presente no título da obra de modo a assegurar um melhor entendimento das implicações deste no possível sentido da obra “Gostava que agora toda a gente contemplasse a peça. Já toda a gente leu o título? Qual é o título?”; a subcategoria **Obra enquanto Arte** surge imediatamente a seguir à constituição da **Agenda da Discussão** e reproduz a preocupação latente na mesma, de assegurar o melhor enquadramento ou contexto para o entendimento do que se irá constituir – discussão de uma obra de arte Ex: “(...)Eu acho que é arte e a arte contém tudo, e é para agradar às pessoas que vêm ver a exposição, para verem uma coisa diferente que não é vista normalmente.” IND B (Feminino); a subcategoria **Descrição da Obra** revela a sua importância latente na constituição da **Agenda da Discussão** em que se estabelece um primeiro instante de carácter puramente perceptivo da *Obra*, porém, a sua pertinência na argumentação apresentada revela-se na importância que esta pode ter no

modo como, de facto, se observa e interpreta a obra ou os elementos que a constituem Ex: “(...) Eu acho que as muletas não estão pegadas, não me parecem pegadas, parecem-me só que estão a tocar na parede com o efeito de tocar na parede, as duas, estão assim na diagonal e parece que estão a tocar na parede mas não estão juntas.” IND F (Feminino); a subcategoria **Título vs Obra** foi introduzida pelo CONV1 e altera o rumo da **Discussão**, uma vez que os registos imediatamente anteriores revelam a vontade de abordar a peça enquanto *Obra de Arte* e fruto da *Intenção do autor* Ex: Vou só convocar um bocado da pergunta da [IND G] para esta discussão: “Porque é que o título diz que a felicidade é subestimada e a peça são muletas?” Vamos tentar ver: será que a dimensão, a cor do objecto, podem ter alguma relação com o título? Será que a [IND G] inclui aqui qualquer coisa que nós podemos abrir para o campo de discussão? O que é que acham?”, por último, a subcategoria “**O que é que se está a subestimar?**” é originada directamente pela questão colocada pelo CONV1, quando próximo do final da **Discussão** as crianças-participantes não conseguiram perspectivar o desenvolvimento narrativo associado à peça e relação intrínseca desta com o significado do título Ex: “Nessa situação é suposto que nós subestimemos a felicidade? E quando estamos a dizer que uma coisa é subestimada estamos a dizer que não lhe estamos a dar o valor que ela merece.”, ou seja, foi recolocado em discussão o conteúdo significante associado ao termo *subestimar a felicidade* como uma qualidade metafórica da peça em observação, porém, não surtiu qualquer efeito na assertividade das intervenções das crianças-participantes, que se mantiveram no mesmo registo narrativo anterior gerado no contexto da subcategoria **Título vs Obra** e que culminou com um silêncio inquietante e generalizado.

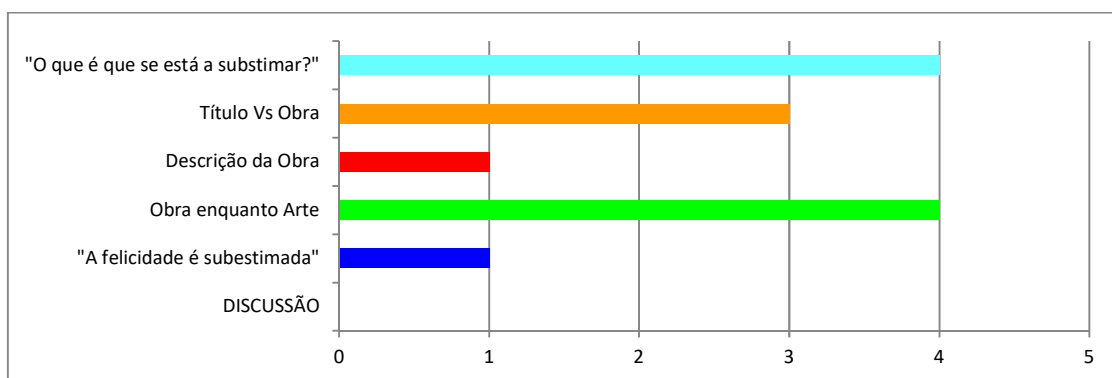


Fig.5 - DISCUSSÃO
(ARTD)

A ARTD da categoria **Discussão** (Fig.5) observa que esta foi constituída segundo a natureza do seu carácter estritamente processual (3ª fase da Sessão). Assim, no âmbito da leitura do quadro de relevância 2º nível observa-se que a subcategoria “**A felicidade é subestimada**” surge com uma relevância baixa; a subcategoria “**A felicidade é subestimada**” com uma relevância elevada; a subcategoria **Descrição da Obra** com uma relevância baixa; a subcategoria **Título vs Obra** com uma relevância alta; e por último, a subcategoria **Obra aberta ou fechada?** que apresenta uma relevância elevada.

“A felicidade é subestimada”

Code: DISCUSSÃO \ “A felicidade é subestimada”

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização activa

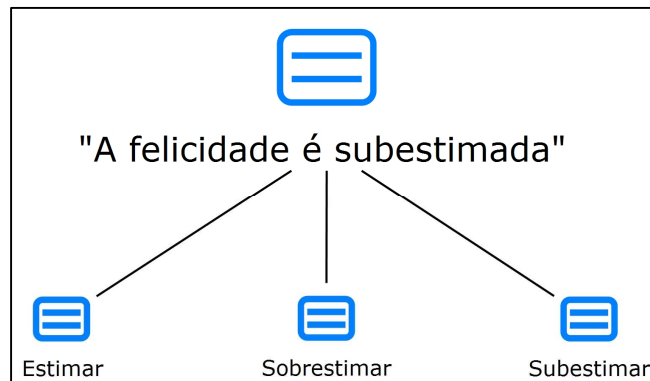


Fig.6 – “A felicidade é subestimada”
(Diagrama)

A subcategoria “**A felicidade é subestimada**” (Fig.6) apresenta uma estrutura linear simples. Tal como já havia sido referido, a apresentação/discussão do termo *subestimada*, que se inclui no título da peça em referência (“A felicidade é subestimada”), surge no início da Sessão por iniciativa do CONV1 para assegurar um melhor entendimento das implicações do mesmo no provável sentido da obra “Gostava que agora toda a gente contemplasse a peça. Já toda a gente leu o título? Qual é o título?”

Assim, a subcategoria “**A felicidade é subestimada**” assume como denominação o próprio título da obra e estrutura-se segundo a amplitude significativa que o termo assume. Se a vocábulo original é **Estimar** então, este é observado no sentido em que determina o âmbito dos significantes a observar Ex: “Estimar é dar atenção.” IND J (Masculino); **Sobrestimar**, por sua vez, é referido pelo CONV1 que de imediato questiona sobre o significado de **Subestimar** Ex: “Estimar é uma coisa a que damos atenção, valorizamos. Quando estimamos alguma coisa, valorizamos essa coisa. Se for sobrestimada, o que quer dizer? É muito estimada, é exageradamente estimada, não é? E se for subestimada?”.

Posteriormente, próximo do final da **Discussão** o significado do termo subestimar é de novo referido e contextualizado Ex: “Nessa situação é suposto que nós subestimemos a felicidade? E quando estamos a dizer que uma coisa é subestimada estamos a dizer que não lhe estamos a dar o valor que ela merece.” CONV1

A subcategoria “**A felicidade é subestimada**” (Fig.6) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

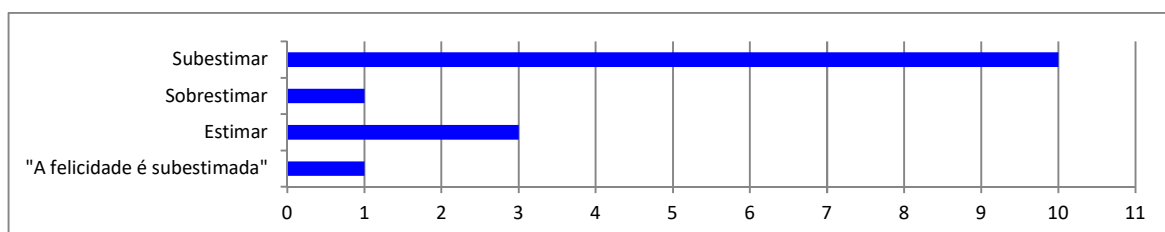


Fig.7 – “A felicidade é subestimada”
(ARTD)

A ARTD da subcategoria “**A felicidade é subestimada**” (Fig.7) apresenta um nível de relevância diminuto e estende-se ainda às subcategorias:

- **Estimar** com um grau de relevância baixo;
- **Sobrestimar** com um grau de relevância diminuto;
- **Subestimar** com um grau de relevância elevado.

Obra enquanto Arte

Code: DISCUSSÃO \ Obra enquanto Arte

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização por valorização

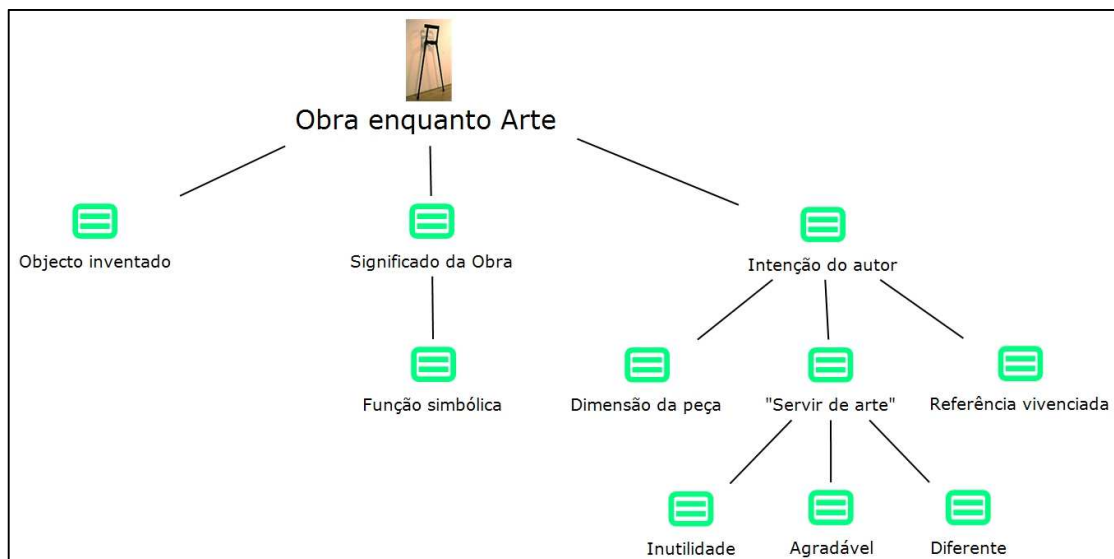


Fig. 8 – Obra enquanto Arte (Diagrama)

A subcategoria **Obra enquanto Arte** (Fig.8) apresenta uma estrutura entroncada de alguma densidade. As referências à subcategoria **Obra enquanto Arte** surgem imediatamente a seguir à **Agenda da Discussão** e retrata a preocupação latente de assegurar o entendimento da peça em referência e reporta-se a noções comportamentais possivelmente já assimiladas ou que as crianças-participantes avaliaram como respeitantes ao meio e ao referente em discussão, ou seja, a discussão de uma obra de arte Ex: “(...) Eu acho que é arte e a arte contém tudo, e é para agradar às pessoas que vêm ver a exposição, para verem uma coisa diferente que não é vista normalmente.” IND B (Feminino).

Assim, a compreensão do fenómeno assumiu a seguinte estrutura: a peça em referência assume-se como as características de um **Objecto inventado** de *carácter abstracto*, Ex: “Pode ser algum objecto inventado [as muletas], pode ser arte, um objecto abstracto” IND C (Feminino) e *singular* Ex: “Eu acho que essas muletas, que parecem muletas, são arte porque para já foi construído, [é um objecto único].” IND N (Masculino); cujo **Significado da Obra** obedece a um sentido enigmático, ambíguo Ex: “O que a peça quer dizer é que uma coisa que não tem muita importância mas, no fundo, tem.”, ou seja, tem a ver com a sua **Função simbólica** Ex: “Ela ajuda-nos a que o nosso pé possa descansar.” IND A (Feminino); pelo que se observa a **Intenção do autor** como responsável pelo princípio formal que assiste a Obra Ex: “(...) acho que [as muletas] são

altas porque quem fez este objecto quis que fossem altas e fê-las assim.” IND N (Masculino), assim, a **Dimensão da peça** sugere a preocupação pela relação significativa da obra com o observador Ex: “Não sei, para ser maior, para ser mais significativa para as pessoas que as vêem.” IND N (Masculino), na medida em que a função da Obra é “**Servir de arte**”, sendo que este *servir* rege-se por três condições: a sua **Inutilidade** Ex: “Não se vai usar [as muletas] e mesmo que se usassem não precisava de cor.” IND M (Masculino); a pretensão a **Agradável e Diferente** Ex: “Eu acho que é arte e a arte contém tudo, e é para agradar às pessoas que vêm ver a exposição, para verem uma coisa diferente que não é vista normalmente.” IND B (Feminino), e ainda, associada à intenção do autor procura-se a constituição de uma **Referência vivenciada** através de uma narrativa hipotética que torne o sentido da mesma admissível Ex: “Eu acho que o senhor que fez esta escultura, se calhar, aconteceu alguma coisa que o fez andar de muletas. Então, fez estas gigantes grandes porque ele nunca as poderia usar. Acho que é esse o sentido, é a felicidade de já não as usar e de não poder usar estas.” IND E (Feminino).

A subcategoria **Obra enquanto Arte** (Fig.8) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

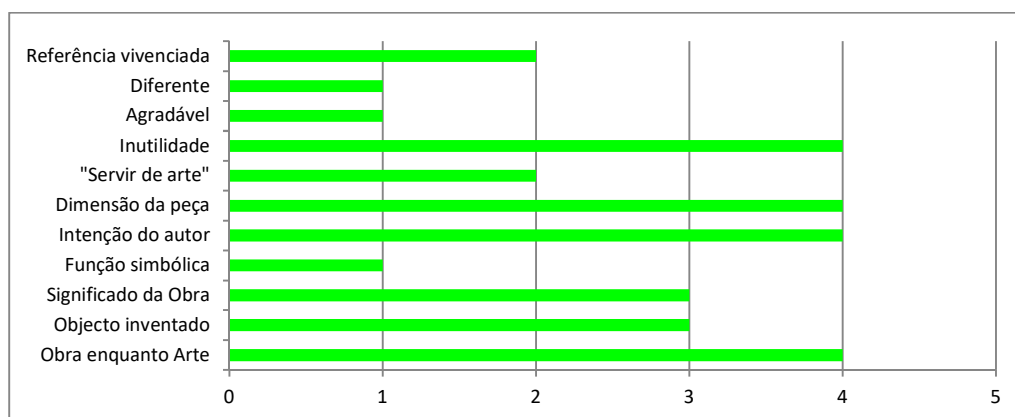


Fig. 9 – Obra enquanto Arte (ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Obra enquanto Arte** (Fig.9) apresenta um grau de relevância elevado e que se estende às subcategorias:

- **Objecto inventado** que apresenta um grau de relevância alto;
- **Significado da Obra** que apresenta um grau de relevância alto;
 - **Função simbólica** com um grau de relevância muito baixa;
- **Intenção do autor** que apresenta um grau de relevância elevado
 - **Dimensão da peça** com um grau de relevância elevado;
 - “**Servir de arte**” com um grau de relevância médio;
 - **Inutilidade** com um grau de relevância elevado;
 - **Agradável** com um grau de relevância muito baixa;
 - **Diferente** com um grau de relevância muito baixa;
- **Referência vivenciada** com um grau de relevância médio.

Descrição da Obra

Code: DISCUSSÃO \ Descrição da Obra

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

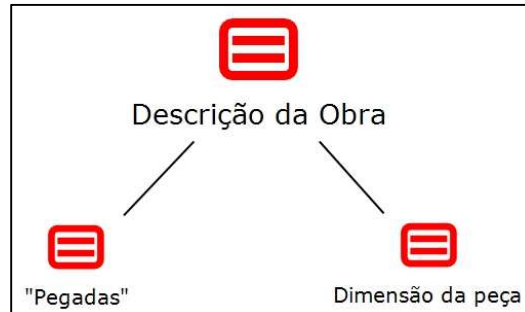


Fig. 10 – Descrição da Obra
(Diagrama)

A subcategoria **Descrição da Obra** (Fig.10) apresenta uma estrutura linear simples. Como já havia sido referido, as suas referências revelam-se latentes aquando da constituição da **Agenda da Discussão**, porém, a sua pertinência na argumentação apresentada revela-se na importância que as crianças-participantes observam e interpretam a obra ou os elementos que a constituem Ex: “(...) Eu acho que as muletas não estão pegadas, não me parecem pegadas, parecem-me só que estão a tocar na parede com o efeito de tocar na parede, as duas, estão assim na diagonal e parece que estão a tocar na parede mas não estão juntas.” IND F (Feminino). Assim, a subcategoria **“Pegadas”** refere a observação directa da obra e da possibilidade de constituição ou de relação dos elementos que a constituem Ex: “O [CONV1] há bocado perguntou porque é que elas estavam pegadas e eu queria dizer que se calhar estão pegadas porque se não estivessem pegadas se calhar não se aguentavam em pé ficavam deitadas.” IND I (Feminino), por sua vez, a subcategoria **Dimensão da peça** faz alusão à *diferença* e à intenção do autor Ex: “Há bocado o [IND N] estava a falar porque é que [as muletas] eram altas e eu acho que é porque a pessoa que estava a pensar fazer as muletas, pensava em alguma coisa grande.” IND J (Masculino).

A subcategoria **Descrição da Obra** (Fig.10) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

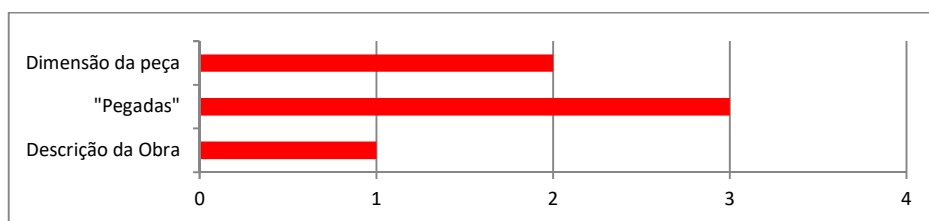


Fig.11 – Descrição da Obra
(ARTD)

A ARTD da subcategoria **Descrição da Obra** (Fig.11) apresenta, em geral, uma relevância média-baixa. É de referir que a continuidade ou qualquer outra referência de passagem ou alusiva à subcategoria **Descrição da Obra** foi suspensa pela introdução da subcategoria **Título vs Obra** pelo CONV1.

Título vs Obra

Code: DISCUSSÃO \ Título vs Obra

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

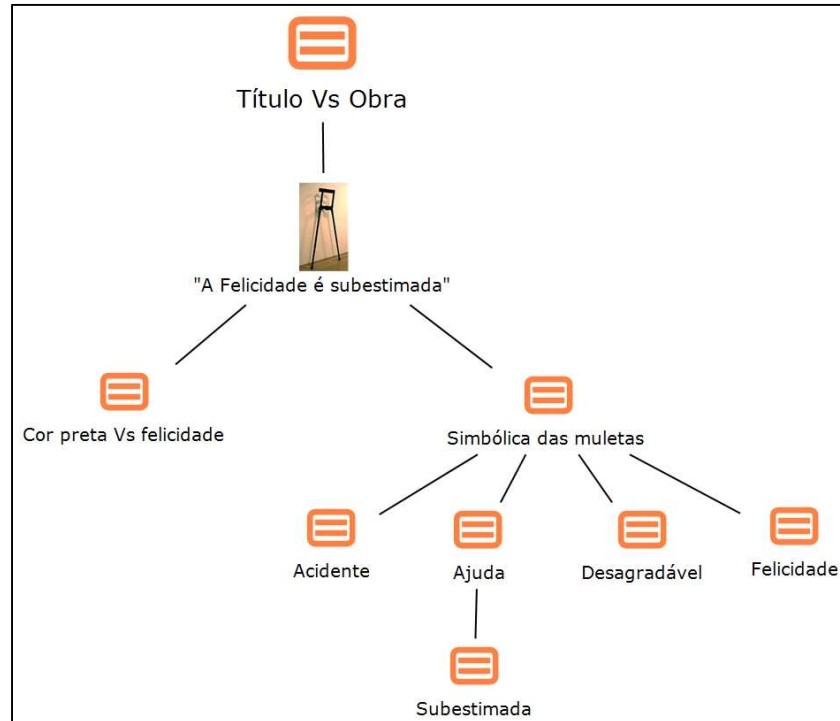


Fig. 12 – Título vs Obra
(Diagrama)

A subcategoria **Título vs Obra** (Fig. 12) assinala a mudança de rumo da **Discussão** introduzida pelo CONV1 "Vou só convocar um bocado da pergunta da IND G (Feminina) da **Agenda da Discussão** para esta discussão: “Porque é que o título diz que a felicidade é subestimada e a peça são muletas?” Vamos tentar ver: será que a dimensão, a cor do objecto pode ter alguma relação com o título? Será que a [IND G] inclui aqui qualquer coisa que nós podemos abrir para o campo de discussão? O que é que acham?”. Assim, o título da Obra “**A Felicidade é subestimada**” é assumido como o centro da contenda Ex: “E então, em que sentido é que poderemos entender que a felicidade é subestimada?” CONV1.

Assim, a *cor preta* das muletas, ao ser referenciada como antítese simbólica da *felicidade*, estrutura uma versão narrativa hipotética de ligação da obra ao seu próprio título através da estruturação da subcategoria **Cor preta vs Felicidade** Ex: “As muletas são pretas porque usar muletas não é agradável, toda a gente gosta de andar pelos seus próprios pés, não gosta de andar de muletas e preto é uma cor triste. E depois, se o título é “a felicidade é subestimada”, usar muletas não é agradável e então deve ser por isso, que o título significa isso.” IND G (Feminino).

Porém, a demanda pela **Simbólica das muletas** assume a observação de cenários hipotéticos Ex: “Eu acho que a felicidade é subestimada porque a felicidade de andar de muletas não existe, portanto, foi subestimada” IND N (Masculino), ou “Eu acho que o senhor que fez esta escultura, se calhar, aconteceu alguma coisa que o fez andar de muletas. Então, fez estas gigantes grandes porque ele nunca as poderia usar. Acho que é esse o sentido, é a felicidade de já não as usar e de não poder usar estas.” IND E (Feminino), que por sua vez assumem temáticas específicas: como alusão a um eventual **Acidente** Ex:

“Eu acho que a felicidade neste caso é subestimada porque acontece-nos alguma coisa, seja o que for, e neste caso como são muletas, depois também já não temos tanta felicidade, como estamos com muletas ou se estamos aleijados.” IND E (Feminino); como sinónimo de **Ajuda** Ex: “(...) não acho que as muletas sejam uma coisa que não serve para nada, porque partem a perna ou de um momento para o outro ficam com uma doença que as obriga a usar muletas para o resto da vida e se não existissem muletas havia muitas pessoas que ficavam fechadas sem fazer nada.” IND F (Feminino), *ajuda* essa que é compreendida como **Subestimada** Ex: “Eu acho que é como aquela frase: os amigos não são só para as ocasiões! Acho que é um bocadinho a mesma coisa” IND A (Feminino), no sentido em que “(...) quando são acabadas de usar já ninguém lhes liga nenhuma e eu acho que elas [as muletas] mereciam mais valor, porque elas ajudaram a pessoa a ficar bem.” IND E (Feminino); mesmo porque o contexto em que as muletas se apresentam é tido como **Desagradável** Ex: “O que eu estou a dizer é que teres umas muletas, não é uma coisa que te esqueças, que te agrade que tu gostes. Ninguém gosta de andar de muletas, anda porque tem de andar!” IND E (Feminino); por último, a **Felicidade** observa-se segundo diferentes pontos de vista, ou seja, “(...) se não houvesse muletas havia muitas pessoas que ficariam mal, por isso, as muletas também trazem felicidade às pessoas que não podem andar (...)” IND J (Masculino), ou, “Eu acho que a felicidade é subestimada, por isso mesmo, se estamos infelizes a felicidade está a ser posta de parte, está a ser subestimada. Se estamos infelizes ficamos infelizes só connosco, não ficamos felizes (...) Porque ela está a ser posta de parte!” IND E (Feminino).

É de referir que apesar da perseverança acentuada na moderação do CONV1 Ex: “Vamos só atentar esta coisa que nos disse o [IND N] e que nos dá dois campos diferentes, que é: por um lado, nós termos de usar muletas, que é sinal de que qualquer coisa aconteceu mas, por outro lado, o que as muletas nos permitem fazer, que é subestimar um bocadinho aquilo que aconteceu. E em função destas duas dimensões que ele avançou para o problema, tentar relacionar com o quê? O que é que nós estamos a subestimar? Felicidade subestima-se, como?”. A referida intervenção, bem como outras semelhantes, não surtiram o efeito almejado, de facto, observa-se um certo retorno a narrativas idênticas que não interrompem a lógica observada nas intervenções das crianças-participantes de modo a estenderem ou romperam com os sentidos dialéticos já testados.

A subcategoria **Título vs Obra** (Fig. 12) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

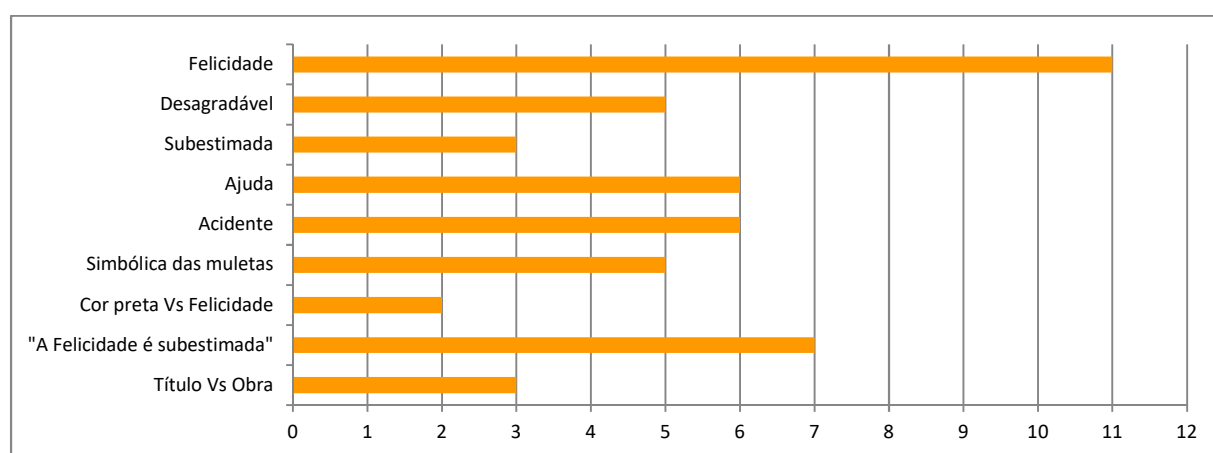


Fig. 13 – Título vs Obra (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Título vs Obra** (Fig.13) apresenta um grau de relevância baixo que se estende à subcategoria “**A Felicidade é subestimada**” que apresenta um grau de relevância médio-alto e que, por sua vez, se estende às subcategorias:

- **Cor preta vs Felicidade** que apresenta um grau de relevância muito baixa;
- **Simbólica das muletas** que apresenta um grau de relevância médio;
 - **Acidente** com um grau de relevância médio;
 - **Ajuda** com um grau de relevância médio e que se estende à subcategoria:
 - **Subestimada** com um grau de relevância baixo;
 - **Desagradável** com um grau de relevância médio;
 - **Felicidade** com um grau de relevância elevado.

"O que é que se está a subestimar?"

Code: DISCUSSÃO \ "O que é que se está a subestimar?"

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

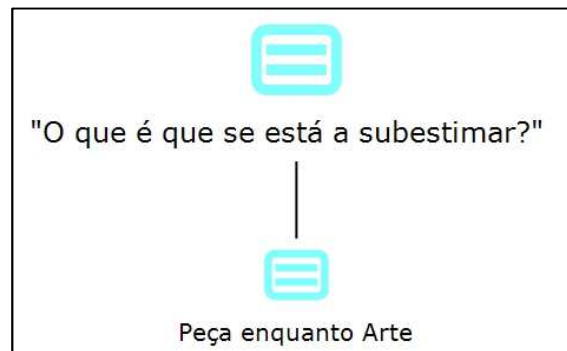


Fig. 14 –"O que é que se está a subestimar?"
(Diagrama)

A subcategoria "**O que é que se está a subestimar?**" (Fig. 14) apresenta uma estrutura elementar e pouco desenvolvida. A subcategoria "**O que é que se está a subestimar?**" surge próximo do final da **Discussão** por intervenção do CONV1, e desenvolve-se em simultâneo com a subcategoria **Título vs Obra**, com o objectivo de suscitar uma maior amplitude ou rasgo nos sentidos dialécticos testados, até então, pelas crianças-participantes Ex: “Em que sentido é que tu achas que aí a felicidade está a ser subestimada?” ou “Posso fazer-vos só uma pequena interrupção. Nós estamos a discutir a peça como se aquilo fosse as muletas que são subestimadas mas, o título da peça não é “as muletas são subestimadas”, é “a felicidade é subestimada”. A peça é que é uma representação do que aquilo quer dizer. Ele não fala de subestimarmos as muletas, fala de subestimarmos a felicidade.”

Assim, nas escassas intervenções registadas surge uma breve tentativa de observar a **Peça enquanto Arte**, ou seja, se certo modo, e apesar das intervenções mais vocacionadas para abordar a questão segundo a perspectiva estruturada pela subcategoria **Título vs Obra**, o retorno ao termo *subestimar* assume uma relação ténue com a perspectiva de um observador desprovido da felicidade que é a compreensão do sentido da obra Ex: “Eu acho que a felicidade é subestimada porque as muletas ajudam mas também, alguém que venha aqui não fica logo assim, a admirar as muletas, porque não percebe logo como é que elas ajudam, como é que elas são importantes. Por isso, a felicidade está a ser subestimada.” IND J (Masculino),

ou ainda, observar a peça na sua forma de muletas como um apenas um exemplo daquilo a que deixamos de dar valor Ex: “É como eles nos dizem, as muletas servem, para nos curar o que nos acontece mas depois já não damos valor e as muletas podem ser só um exemplo.” IND H (Feminino).

A subcategoria "**O que é que se está a subestimar?**" não registou mais intervenções, rudimentares ou de elevado sentido crítico, de facto, a **Discussão** foi interrompida após o CONV1 solicitar por mais intervenções e a sala ser invadida por um silêncio constrangedor como resposta.

Em seguida foi proposto um trabalho escrito a ser feito individualmente que reflectisse a relação da obra com o título, tendo a sessão sido dada como terminada decorridos apenas 33 minutos.

A subcategoria "**O que é que se está a subestimar?**" (Fig. 14) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

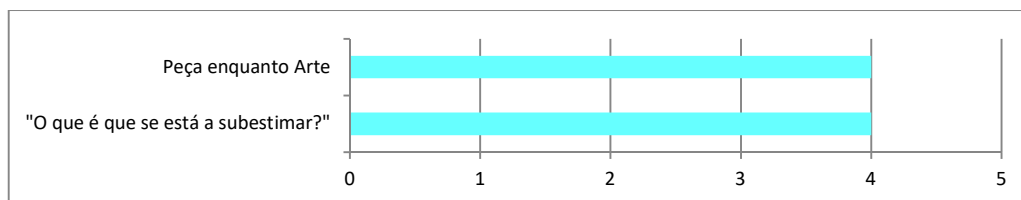


Fig. 15 –"O que é que se está a subestimar?"
(ARTD)

A ARTD da subcategoria "**O que é que se está a subestimar?**" (Fig.15) apresenta uma relevância idêntica para ambas as subcategorias que a compõe.

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO POR GÊNERO (Crianças-participantes e Adultos)

A ARDG do R3B manteve o protocolo proposto no R1A. A ARDG da **Discussão** trata de um tipo de análise mais fechada que se desenvolveu a partir da análise dos interesses temáticos revelados pela **Discussão** de modo a possibilitar que se constituam as questões de referência (Fig.16).

A ARDG (Crianças-participantes) do R3B mantém os mesmos parâmetros metodológicos delineados e apresentados no R1A, pelo que, apenas incide nos comentários e argumentos mais relevantes das crianças-participantes para as questões de referência. A ARDG (Adultos) das intervenções da INV e do CONV1 foram de igual modo consideradas separadamente, por serem adultos. Na 3ª Sessão B a INV, tendo em conta a natureza da moderação optada pelo CONV1, assumiu uma postura apenas de observadora não-participante, pelo que, não se registam quaisquer intervenções da mesma.

Tal como no R1B, a ARDG da Sessão 3 B, permitiu que se constituísse o o RAPI (Crianças-participantes) e RAPI (Adultos) de cada um dos indivíduos considerados.

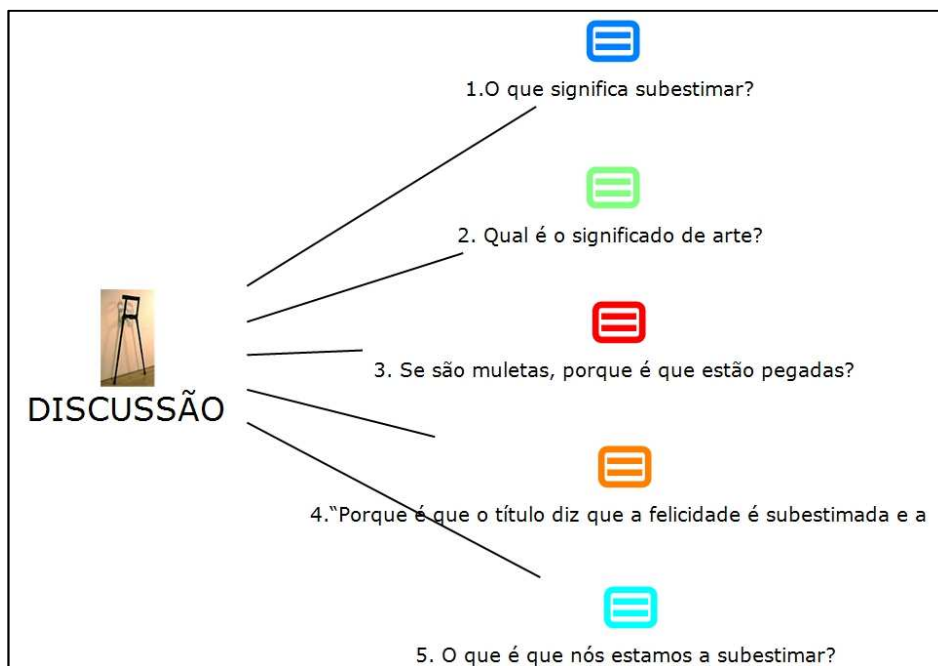


Fig. 16 – Questões de Referência
(Diagrama)

Na Sessão 3 B a ARDG (Crianças-participantes e Adultos) considerou as seguintes questões de referência (Fig. 16):

1. **O que significa subestimar?** anuncia-se na abordagem à significação dos termos constituintes do título da obra, com especial incidência no termo *subestimar*. Esta abordagem ocorreu por iniciativa do CONV1 antes do início da Sessão que considerou necessária a reflexão sobre o sentido do título como um meio para melhor preparar o acesso à Obra em referência. Assim, ficou desde logo assente a necessidade de associar *Obra e Título*;

2. **Qual é o significado de arte?** estabelece-se através do comentário inicial proferido pela IND C “Pode ser algum objecto inventado, pode ser arte, um objecto abstracto.” que revela a disponibilidade comportamental das crianças-participantes ao fenómeno em análise, ou seja, é de imediato determinado pela criança-participante que considera o contexto em questão próprio de um referente específico - uma Obra de arte, pelo que, o contexto teórico a abordar fica patente nos termos que refere: *inventado*, *arte* e *objecto abstracto*;
3. **Se são muletas, porque é que estão pegadas?** preannuncia-se na 7ª Questão da **Agenda da Discussão** e estrutura-se directamente na percepção das qualidades ou especificações formais dos elementos constituintes da obra. Esta questão agrega em si a abordagem latente nas duas primeiras questões da **Agenda da Discussão** e a sua intervenção reverbera ainda nas questões seguintes, com excepção da 1ª questão, e oferece de imediato um possível reconhecimento ou interpretação do sentido da obra;
4. **“Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas?”** apesar de se constituir da 4ª Questão da **Agenda da Discussão** a mesma dispõe-se na dinâmica da **Discussão** por intervenção directa do CONV1 que ao reintroduzir a questão fora do contexto que se estava a erigir altera o rumo da **Discussão**. Posteriormente observa-se a dificuldade das crianças-participantes em desenvolverem conteúdos teóricos de maior relevância para a discussão em curso, pelo que foi introduzida uma última questão;
5. **O que é que nós estamos a subestimar?** surge por iniciativa do CONV1 como questão de apoio à focalização de possíveis conteúdos fixos e devido à dificuldade de expansão narrativa que constatada na questão anterior. O resultado almejado não foi o esperado e a discussão terminou pouco depois (ver contexto já anunciado na pág.7)

1. O que significa subestimar?

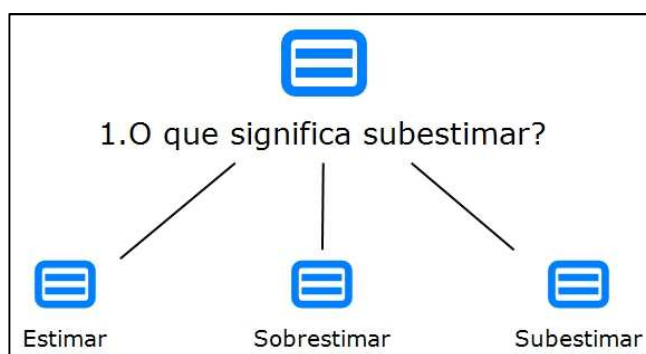


Fig. 17 – 1. O que significa subestimar?
(Diagrama)

A questão **1. O que significa subestimar?** (Fig. 17) apresenta uma estrutura linear simples. À semelhança da ARTD, o enquadramento teórico observado para esta 1ª Questão refere a importância conectada pelo CONV1 ao termo *subestimada* incluído no título da obra em referência Ex: “Gostava que agora toda a gente contemplasse a peça. Já toda a gente leu o título? Qual é o título?”. Assim, a questão **1. O que significa subestimar?** estrutura-se segundo a amplitude significativa

que o termo assume: **Estimar** enquanto vocábulo original que determina o âmbito dos significantes a observar Ex: “Estimar é dar atenção.” IND J (Masculino); por sua vez, **Sobrestimar**, referido e enquadrado pelo CONV1, estende-se de imediato ao temo **Subestimar** Ex: “Estimar é uma coisa a que damos atenção, valorizamos. Quando estimamos alguma coisa, valorizamos essa coisa. Se for sobrestimada, o que quer dizer? É muito estimada, é exageradamente estimada, não é? E se for subestimada?”.

Próximo do final da **Discussão**, no contexto criado para a questão 5. **O que é que nós estamos a subestimar?** o significado do termo *subestimar* é de novo referido e contextualizado Ex: “Nessa situação é suposto que nós subestimemos a felicidade? E quando estamos a dizer que uma coisa é subestimada estamos a dizer que não lhe estamos a dar o valor que ela merece.” CONV1.

A questão 1. “**A felicidade é subestimada**” (Fig.17) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

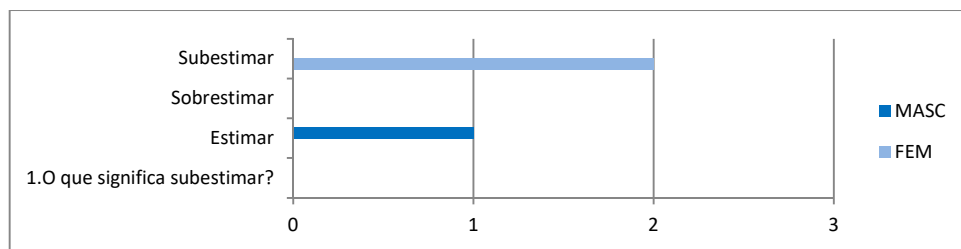


Fig. 18 – 1. O que significa subestimar?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta a questão 1. **O que significa subestimar?** (Fig. 18) sem registos de relevância para ambos os géneros e estende-se ainda às subcategorias:

- **Estimar** com um grau de relevância diminuta apenas para o género masculino;
- **Sobrestimar** com um grau de relevância ausente;
- **Subestimar** com um grau de relevância muito baixo apenas para o género feminino.

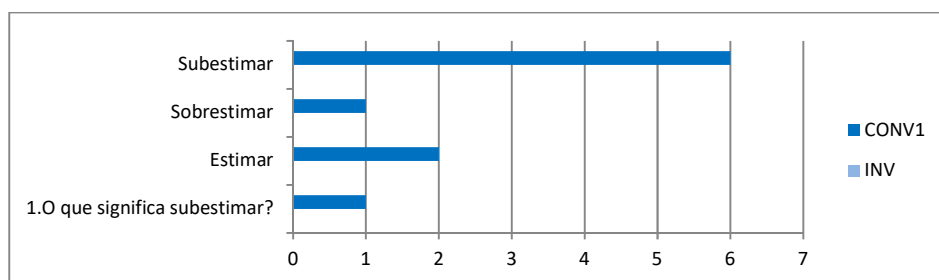


Fig. 19 – 1. O que significa subestimar?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão 1. **O que significa subestimar?** (Fig. 19) apresenta um panorama com sinalizações apenas para o CONV1. Assim, a questão 1. **O que significa subestimar?** (Fig. 18) apresenta um grau de relevância diminuto e estende-se ainda às subcategorias:

- **Estimar** com um grau de relevância muito baixo diminuta;

- **Sobrestimar** com um grau de relevância diminuto;
- **Subestimar** com um grau de relevância elevado.

2. Qual é o significado de arte?

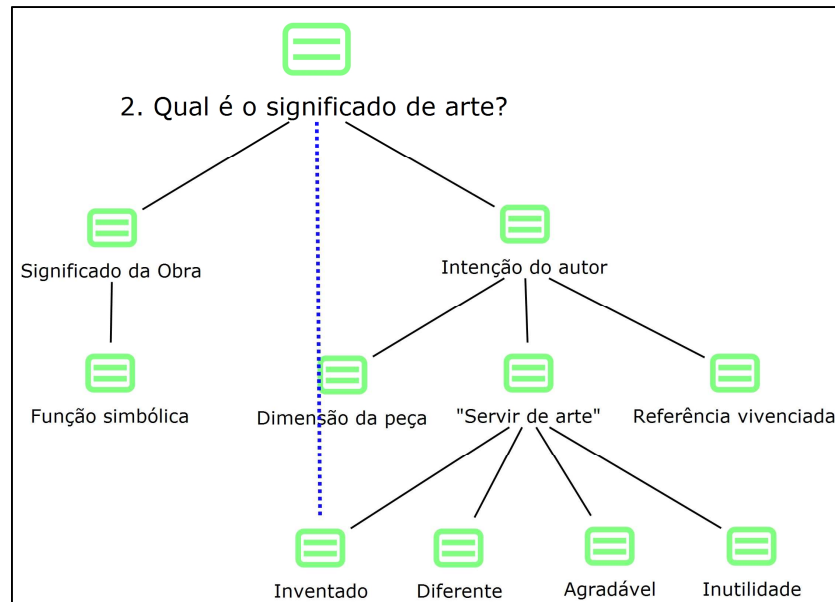


Fig. 20 – 2. Qual é o significado de arte?
(Diagrama)

A questão **2. Qual é o significado de arte?** (Fig. 20) apresenta uma estrutura entroncada e algo complexa. Tal como havia sido referido anteriormente, a **2ª Questão** emerge de imediatamente a seguir à constituição da **Agenda da Discussão** através de um comentário inicial proferido pela IND C “Pode ser algum objecto inventado, pode ser arte, um objecto abstracto.” Assim, a estruturação do fenómeno assumiu a seguinte disposição: assume-se a necessidade de estruturar o **Significado da obra** que se apresenta como duvidoso Ex: “Não sei porque é que dizem que são muletas como muitas pessoas dizem, podem não ser e ainda por cima estão pegadas.” IND C (Feminino), que o CONV1 reitera ao assegurar a pertinência da **Função Simbólica** que assiste a obra Ex: “O que ela quer perceber é o sentido dessa junção.”; observa-se, então, a **Intenção do autor** como responsável pelo princípio formal que assiste a obra Ex: “(...) acho que [as muletas] são altas porque quem fez este objecto quis que fossem altas e fê-las assim.” IND N (Masculino), pelo que se torna relevante observar se é exequível a **Dimensão da peça** na sua relação significativa com o observador Ex: “Não sei, para ser maior, para ser mais significativa para as pessoas que as vêem.” IND N (Masculino); assim, a óbvia *dimensão da peça* observa-se ainda no seu propósito de **“Servir de arte”** Ex: “(...) porque é que elas são altas. Eu acho que é arte e a arte contém tudo, e é para agradar às pessoas que vêm ver a exposição, para verem uma coisa diferente que não é vista normalmente.” IND B (Feminino), enquanto se especula sobre as suas qualidades de objecto **Inventado** de *carácter abstracto* Ex: “Pode ser algum objecto inventado [as muletas], pode ser arte, um objecto abstracto.” IND C (Feminino), **Diferente** Ex: “(...) para verem uma coisa diferente que não é vista normalmente.” IND B (Feminino), **Agradável** Ex: “ (...) para ser maior, para ser mais significativa para as pessoas que as vêem.” IND N (Masculino) e **Inútil** Ex: “(...) Então, fez estas gigantes grandes porque ele nunca as poderia usar(...)” IND E (Feminino). Porém, a *intenção do autor* estende-se por construção narrativa à constituição hipotética de

uma **Referência vivenciada** que torne o sentido da Obra admissível Ex: “Eu acho que o senhor que fez esta escultura, se calhar, aconteceu alguma coisa que o fez andar de muletas. Então, fez estas gigantes grandes porque ele nunca as poderia usar. Acho que é esse o sentido, é a felicidade de já não as usar e de não poder usar estas.” IND E (Feminino),

A questão **2. Qual é o significado de arte?** sustenta-se na já observada preocupação em assegurar o sentido da obra que se revela na sua disponibilidade argumentativa seja por narrativas hipotéticas, seja por observar os extremos formais que constituem a obra.

A questão **2. Qual é o significado de arte?** (Fig. 20) apresenta uma intersecção interna.

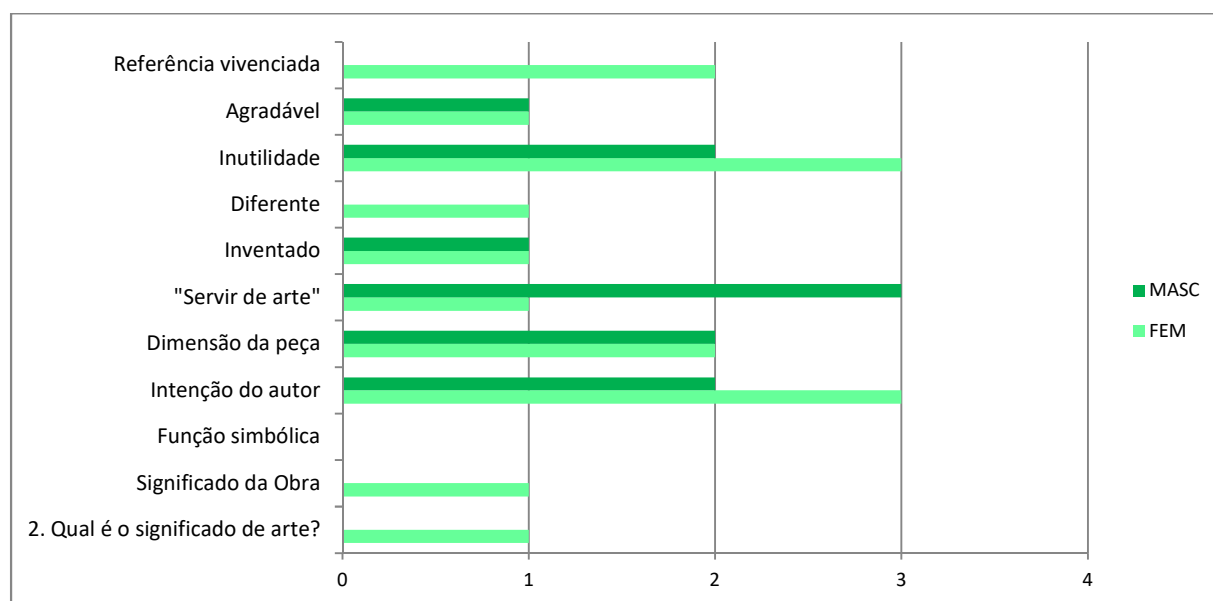


Fig. 21 – 2. Qual é o significado de arte?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta a questão **2. Qual é o significado de arte?** (Fig. 21) com uma forte relevância para a actividade do gênero feminino e moderada para o gênero masculino. O relevo aferido à ARDG (Crianças-participantes) em consideração apresenta, na sua generalidade, um carácter de fraca relevância, porém, justifica-se não só por se enquadrar numa metodologia qualitativa como pelo parco tempo em que o fenómeno se desenvolveu.

Assim, a própria questão **2. Qual é o significado de arte?** apresenta uma relevância diminuta apenas para o gênero feminino e estende-se às subcategorias:

- **Significado da Obra** que apresenta uma relevância diminuta apenas para o gênero feminino;
 - **Função simbólica** com um grau de relevância indiferenciado para ambos os gêneros;
- **Intenção do autor** que apresenta uma relevância elevado para o gênero feminino e médio para o gênero masculino;
 - **Dimensão da peça** com um grau de relevância médio para ambos os gêneros;
 - **“Servir de arte”** com um grau de relevância diminuto para o gênero feminino e elevado para o gênero masculino;
 - **Inventado** com um grau de relevância baixo para ambos os gêneros;
 - **Diferente** com um grau de relevância baixo apenas para o gênero feminino;

- **Inutilidade** com um grau de relevância elevado para o gênero feminino e médio para o gênero masculino;
- **Agradável** com um grau de relevância baixo para ambos os gêneros;
- **Referência vivenciada** com um grau de relevância médio apenas para o gênero feminino.

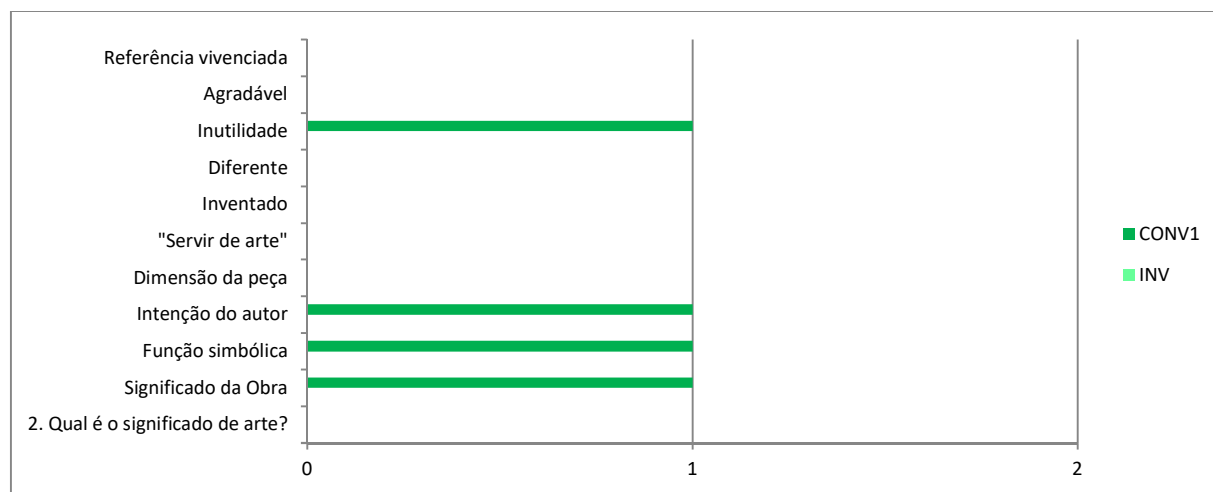


Fig. 22 – 2. Qual é o significado de arte?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **2. Qual é o significado de arte?** (Fig. 22) apresenta uma moderação atenta nas intervenções de referência do CONV1. Assim, observa-se a sua intervenção para a constituição das seguintes subcategorias: **Significado da Obra** Ex: “Então, qual será a função delas?” que se estende à subcategoria **Função simbólica** Ex: “O que ela quer perceber é o sentido dessa junção.”; **Intenção do autor** que enfatiza a necessidade da questão em observação Ex: “Com que intenção?”; e ainda, **Inutilidade** no sentido em que inquiri sobre a utilidade da obra Ex: “Vocês acham que são utilizáveis estas muletas?”.

3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?

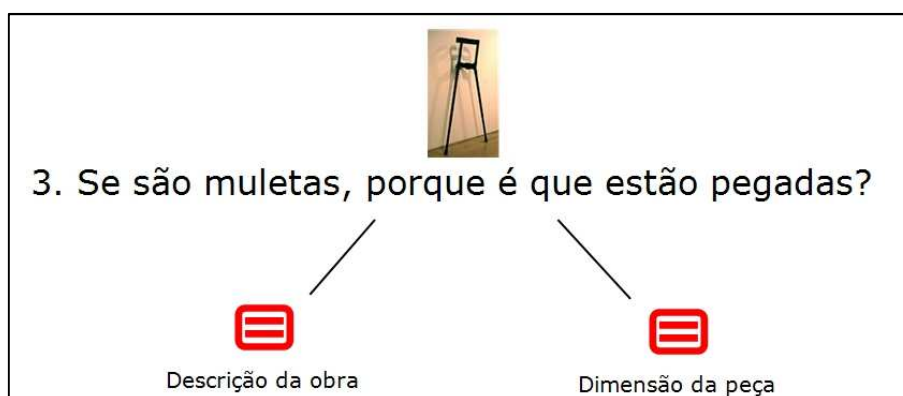


Fig. 23 – 3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?
(Diagrama)

A questão **3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?** (Fig. 23) apresenta uma estrutura linear simples. Tal como havia sido anteriormente referido a questão anuncia-se na 7ª Questão da **Agenda da Discussão**.

Assim, **Descrição da obra** estrutura-se directamente na percepção das qualidades ou especificações formais dos elementos constituintes da obra Ex: “Eu acho que isto parece umas muletas e não têm cor porque não ia diferenciar se usassem, não iria fazer com que se usassem melhor ou pior. E a s muletas também não são às flores, nem verdes, nem azuis, normalmente são cinzentas.” IND M (Masculino) e a subcategoria **Dimensão da peça** agrega em si a abordagem latente nas duas primeiras questões da e oferece de imediato um possível reconhecimento ou interpretação do sentido da obra Ex: “O [CONV1] fez uma pergunta que é porque é que elas são altas. Eu acho que é arte e a arte contém tudo, e é para agradar às pessoas que vêm ver a exposição, para verem uma coisa diferente que não é vista normalmente.”

A questão **3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?** (Fig.23) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

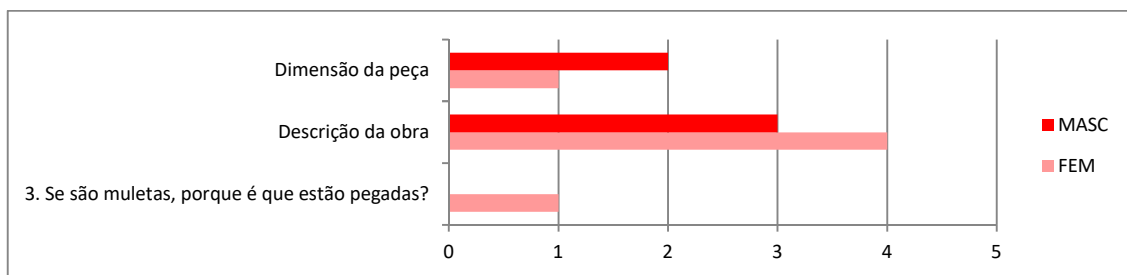


Fig. 24 – 3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, a questão **3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?** (Fig. 24) apresenta uma relevância diminuta a apenas para o género feminino e estende-se ainda às subcategorias:

- **Descrição da obra** que apresenta uma relevância alto para o género masculino e elevada para o género feminino;
- **Dimensão da peça** que apresenta uma relevância média para o género masculino e diminuta apenas para o género feminino.

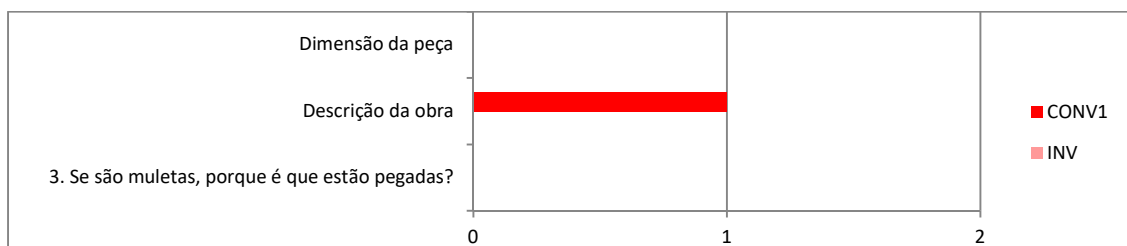


Fig. 25 – 3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?** (Fig. 25) apresenta uma fraca moderação por parte do CONV1, porém, revela a sua natureza atenta e instigadora de intervenções concisas Ex: “É a razão pela qual tu achas que elas são pretas é?”

4. Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas?



Fig. 26 – 4. Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas? (Diagrama)

A questão 4. **Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas?** (Fig. 26) apresenta uma estrutura linear, porém, algo extensa. Como havia sido referido a mesma constitui-se a partir da 4ª Questão da **Agenda da Discussão** mesmo só tendo sido elevada na dinâmica da **Discussão** por intervenção directa do CONV1.

Este acontecimento gerou duas situações delicadas: dispôs uma questão na discussão fora do contexto discursivo em construção o que, por sua vez, alterou o rumo da **Discussão** que se observa na dificuldade com que as crianças-participantes desenvolvem com muita dificuldade conteúdos teóricos de maior relevância para a discussão em curso, razão pela qual foi introduzida a última questão.

Assim, a questão revela o manifesto conflito interpretativo associado ao título da obra “**A Felicidade é subestimada**” que se inscreve no interesse de absorver os conteúdos teóricos formulados anteriormente (questão 1. **O que significa subestimar?**) com um contexto interiorizado de significação com a obra, isto é, através de contextos hipotéticos potencialmente reais constituir um sentido mais fiel ao significado do que é *subestimar a felicidade* Ex: “Eu acho que a felicidade está a ser subestimada porque uma pessoa está a usar as muletas porque precisa e é uma felicidade para ela ter umas muletas para a ajudar andar durante esse tempo que está mal do pé ou da perna. Mas depois, de estar bem já não liga muito às muletas e aí é que a felicidade fica subestimada.” IND C (Feminino), ou ainda, na observação da sua própria experiência de observadores-fruidores da obra Ex: “Eu acho que a felicidade é subestimada porque as muletas ajudam mas também alguém que venha aqui não fica logo assim a admirar as muletas porque não percebe logo como é que elas ajudam assim, como é que elas são importantes. Por isso a felicidade está a ser subestimada.” IND J (Masculino). É através da construção destes contextos que se registam as características ou qualidades antropomórficas, uma vez que consideram os *sentimentos* das próprias muletas: **Desvalorizadas** uma vez que não lhes é concedida a devida importância Ex: “(...) eu acho que o valor que elas merecem, as muletas, é quando são acabadas de usar já ninguém lhes ligar nenhuma e eu acho que elas mereciam mais valor, porque elas ajudaram a pessoa a ficar bem.” IND E (Feminino); **Ajuda** no sentido de apoio ou suporte de sustentabilidade por perda de funcionalidade física temporária ou definitiva Ex: “O que a peça quer dizer é que uma coisa que não tem muita importância mas, no fundo, tem. Ela ajuda-nos a que o nosso pé possa descansar.” IND A

(Feminino); utilizadas num contexto sempre **Desagradável**, porém, incontornável Ex: “O que eu estou a dizer é que teres umas muletas, não é uma coisa que te esqueças, que te agrada que tu gostes. Ninguém gosta de andar de muletas, anda porque tem de andar!” IND E (Feminino), e que observa as suas características simbólicas formais como a *cor preta* Ex: “As muletas são pretas porque usar muletas não é agradável, toda a gente gosta de andar pelos seus próprios pés, não gosta de andar de muletas e preto é uma cor triste (...).” IND G (Feminino); por último, a **Felicidade** observada segundo contextos hipotéticos potencialmente reais Ex: “(...) uma pessoa está a usar as muletas porque precisa e é uma felicidade para ela ter umas muletas para a ajudar andar durante esse tempo que está mal do pé ou da perna (...).” IND C (Feminino), ou teórico enfatizando a possível *intenção do autor* Ex: “Eu acho que o senhor que fez esta escultura, se calhar, aconteceu alguma coisa que o fez andar de muletas. Então, fez estas gigantes grandes porque ele nunca as poderia usar. Acho que é esse o sentido, é a felicidade de já não as usar e de não poder usar estas.” IND E (Feminino).

A questão 4. **Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas?** (Fig. 26) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

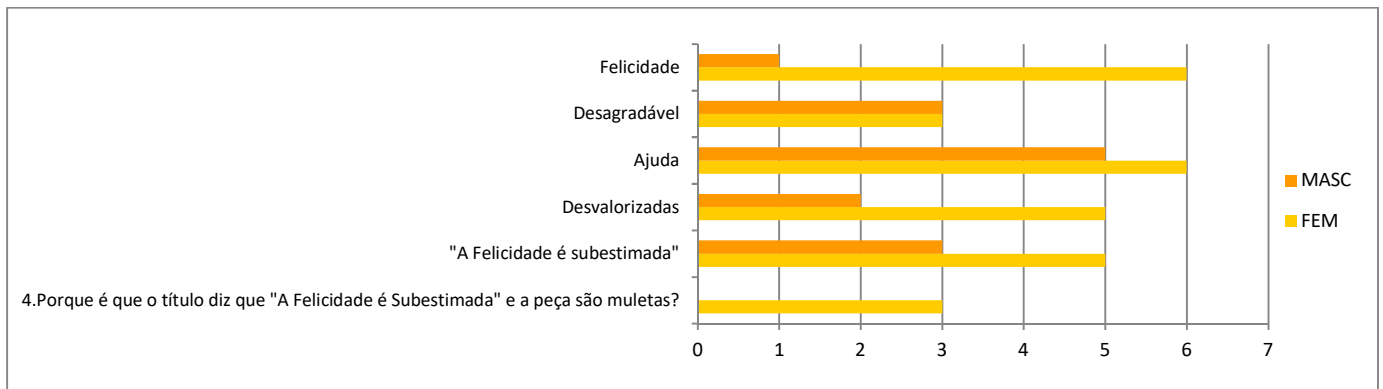


Fig. 27 – 4. Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas? (ARDG - Crianças-participantes)

Na ARDG (Crianças-participantes) da questão 4. **Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas?** (Fig. 27) apresenta uma relevância média apenas para o gênero feminino que se estende à subcategoria “**A Felicidade é subestimada**” que apresenta uma relevância alto para o gênero feminino e média para o gênero masculino. A subcategoria “**A Felicidade é subestimada**”, por sua vez, estende-se ainda às subcategorias:

- **Desvalorizadas** com um grau de relevância alto para o gênero feminino e baixo para o gênero masculino;
- **Ajuda** com um grau de relevância elevado para o gênero feminino e alto para o gênero masculino;
- **Desagradável** com um grau de relevância médio para ambos os gêneros;
- **Felicidade** com um grau de relevância elevado para o gênero feminino e diminuto para o gênero masculino.

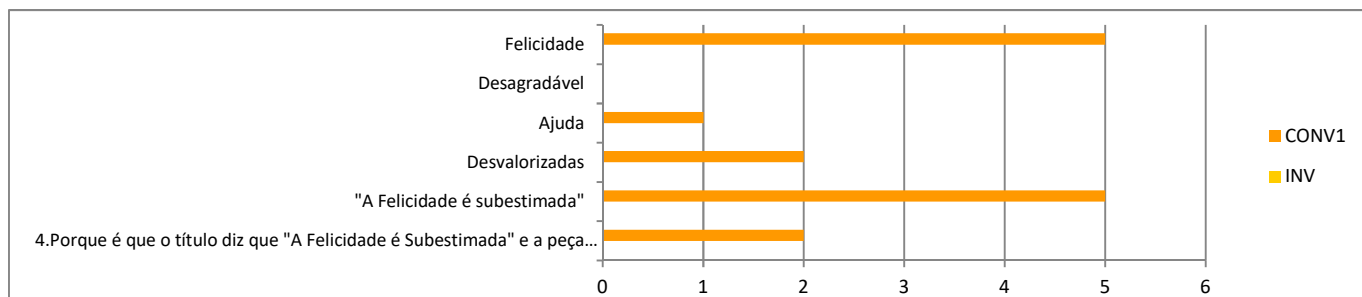


Fig. 28 – 4. Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas? (ARDG – Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **4. Porque é que o título diz que “A Felicidade é Subestimada” e a peça são muletas?** (Fig. 28) apresenta uma relevância elevada na participação do CONVI comparativamente às suas análogas. Assim, denota-se uma maior relevância para a subcategoria **“A Felicidade é subestimada”** Ex: “Vou só convocar um bocado da pergunta da Raquel para esta discussão: **“Porque é que o título diz que a felicidade é subestimada e a peça são muletas?”** Vamos tentar ver: será que a dimensão, a cor do objecto podem ter alguma relação com o título? Será que a Raquel inclui aqui qualquer coisa que nós podemos abrir para o campo de discussão? O que é que acham?”, bem como para a subcategoria **Felicidade** Ex: “Então digam-me uma coisa, quando nós estamos infelizes, quando nós estamos a sentirmo-nos infelizes em que é que subestimamos a felicidade se temos falta dela? Como é que podemos subestimar uma coisa que não temos?”. Sendo que a própria questão foi introduzida na **Discussão** pelo próprio CONVI apresentando uma relevância baixa, tal como a subcategoria **Desvalorizadas**. A subcategoria **Ajuda** apresenta um grau de relevância diminuto., porém, pertinente para a acuidade do contexto pretendido, ou seja, desta intervenção surge a última questão estruturante da Discussão Ex: “Vamos só atentar esta coisa que nos disse o [IND N (Masculino)] e que nos dá dois campos diferentes, que é: por um lado, nós termos de usar muletas, que é sinal de que qualquer coisa aconteceu mas, por outro lado, o que as muletas nos permitem fazer, que é subestimar um bocadinho aquilo que aconteceu. E em função destas duas dimensões que ele avançou para o problema, tentar relacionar com o quê? O que é que nós estamos a subestimar? Felicidade subestima-se, como?”

5. O que é que nós estamos a subestimar?



Fig. 29 – 5. O que é que nós estamos a subestimar?
(Diagrama)

A questão **5. O que é que nós estamos a subestimar?** (Fig. 29) apresenta uma estrutura diminuta e simplificada. A questão, introduzida e várias vezes reforçada pelo CONV1, pretende focalizar possíveis conteúdos argumentativos que, até ao momento da **Discussão**, as crianças-participantes apenas afloraram sem perspectivarem um desenvolvimento narrativo mais assertivo. Assim, e uma vez que o desenvolvimento da questão perdeu-se na quebra de raciocínios que culminou num incómodo silêncio, a questão gera apenas uma subcategoria **Exemplo de arte** referida pela IND H Ex: “Eu acho que o título é “A felicidade é subestimada” mas as muletas podem ser só um exemplo da felicidade, da felicidade que é subestimada, pode ser só um exemplo.”, ou seja, a obra serve apenas um pretexto exemplificativo do que *subestimar*, ou antes, o título poderá significar. Como havia sido referido anteriormente, a quebra de possíveis narrativas ou argumentações estruturantes de um sentido mais pertinente conduziu as parcas intervenções a recorrerem a ideias ou conceitos abordados anteriormente, pelo que, na questão **5. O que é que nós estamos a subestimar?** (Fig. 29) observam-se intersecções externas indispensáveis à observação de como as crianças-participantes de mantiveram fixas às estruturas narrativas anteriores e das quais se auxiliaram como meios acessíveis de apoio: para matéria de significação recorreram à subcategoria **Subestimar** (1ª Questão), para contextualização de associações valeram-se das associações presentes na subcategoria **“A Felicidade é Subestimada”**, **Desvalorizadas** e **Ajuda** (4ª Questão).

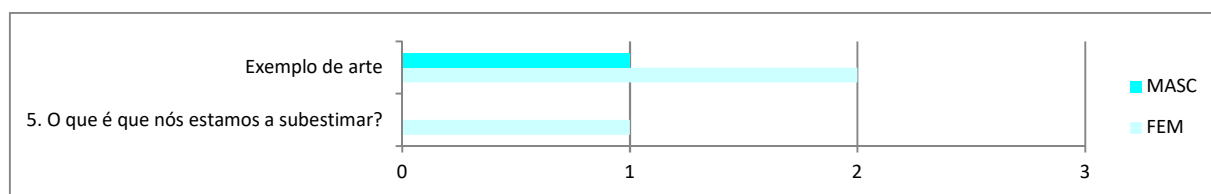


Fig. 30 – 5. O que é que nós estamos a subestimar?
(ARDG - Crianças-participantes)

Na ARDG (Crianças-participantes) da questão **5. O que é que nós estamos a subestimar?** (Fig. 30) apresenta-se de modo geral diminuta, destacando-se, no entanto, a participação do género feminino.

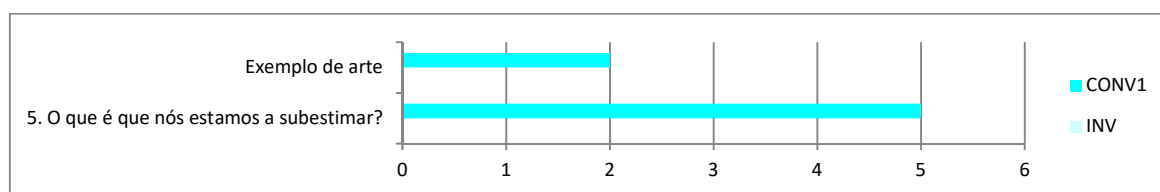


Fig. 31 – 5. O que é que nós estamos a subestimar?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **5. O que é que nós estamos a subestimar?** (Fig. 31) observa a intensidade de intervenções do CONV1 para que se dispersassem os possíveis conteúdos argumentativos Ex: “Posso fazer-vos só uma pequena interrupção. Nós estamos a discutir a peça como se aquilo fosse as muletas que são subestimadas mas, o título da peça não é “As muletas são subestimadas”, é “A felicidade é subestimada”. A peça é que é uma representação do que aquilo quer dizer. Ele não fala de subestimarmos as muletas, fala de subestimarmos a felicidade.”

ANÁLISE ETNOGRAFICA DO REGISTO DE VIDEO

Para AERV desta sessão adaptou-se por uma abordagem dedutiva, na medida em que foi observado um evento específico e fortemente conduzido pela questão desta investigação, e que foi anteriormente objectivado e delineado no R1A.

Esta análise mantém o protocolo assumido e teve em conta: a relação dos comportamentos físicos com o espaço físico envolvente; desses comportamentos físicos com a obra previamente seleccionada; e ainda, a associação dos comportamentos físicos aos momentos e à qualidade dos discursos dos intervenientes.

Assim, a AERV altera a organização dos momentos específicos considerados até esta 3ª Sessão B uma vez que o 1º Momento, que se refere a comportamentos referentes ao momento em que as crianças entraram em contacto com o espaço onde a obra visada estava exposta e a observação directa da mesma, inicia-se após a assimilação do significado do título da obra em referência; o 2º Momento manteve-se como registo dos comportamentos revelados durante o decorrer da própria Sessão.

Análise etnográfica do registo de vídeo

TEMPO	CATEGORIA	ACÇÃO	CONTEXTUALIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
<p>1º Momento</p> <p>00:44 01:56</p>	<p>“A felicidade é subestimada”</p> <p>Leitura da Obra</p>	<p>Preparação da Sessão</p> <p>Contextualização do título da obra</p> <p>Leitura da Obra</p>	<p>Colocação das crianças sentadas no chão em meia-lua sentadas de frente para a obra. INV posiciona câmara para registo de vídeo de todas as crianças.</p> <p>CONV1 pede para que contemplem a obra e explica significado do termo “subestimar” e contextualiza p título às crianças-participantes</p> <p>Entrega de gravador às crianças-participantes. INV explica procedimentos para a gravação e recolha de dados. CONV1 associa-se.</p>	<p>Dinâmica comportamental Atentos e curiosos às várias explicações</p>
<p>2º Momento</p> <p>03:18</p> <p>08:00</p>	<p>AGENDA DA DISCUSSÃO</p>	<p>Início da 3ª Sessão [B]</p> <p>Registo das questões e leitura das mesmas</p>	<p>IND N inscreve-se (dedo no ar) e coloca a 1ª questão IND J inscreve-se (dedo no ar) IND L inscreve-se (dedo no ar) IND H inscreve-se (dedo no ar) IND G inscreve-se (dedo no ar) IND F inscreve-se (dedo no ar), contextualiza questão com ajuda do CONV1 IND E inscreve-se (dedo no ar) IND C inscreve-se (dedo no ar)</p> <p>CONV 1 lê registo da Agenda da Discussão</p>	<p>Dinâmica comportamental Comportamentos atentos e silenciosos Atentos e preocupados com a utilização do MP4 como passa-palavra IND N atento e preocupado com este acto de moderação interna Tons de vozes moderados</p> <p>IND O, IND Q e IND L conversam entre si IND Q algo agitado</p> <p>IND B observa obra e comenta em surdina com IND I</p>
<p>08:50</p> <p>09:05</p> <p>10:27</p> <p>10:47</p> <p>11:11</p> <p>11:53</p>	<p>DISCUSSÃO Obra enquanto Arte</p>	<p>DISCUSSÃO Dinâmica de inscrições da Discussão entusiástica e atenta aos conteúdos expostos</p>	<p>IND C, IND N, IND L e IND M inscrevem-se na discussão</p> <p>IND Q passa gravador à IND C a pedido do CONV1</p> <p>IND C intervém CONV1 solicita uma melhor contextualização e IND C esclarece IND A inscreve-se (dedo no ar) e intervém IND E inscreve-se (dedo no ar) e responde à questão da IND C da Agenda da Discussão CONV1 intervém e esclarece contextos IND M inscreve-se (dedo no ar)</p> <p>IND N inscreve-se (dedo no ar) e intervém CONV1 pede justificação</p> <p>IND I inscreve-se (dedo no ar) IND A, INDE e IND J inscrevem-se entusiasticamente (dedo no ar), IND M reforça a sua inscrição</p> <p>CONV1 questiona “utilidade” da peça IND N intervém IND M intervém</p>	<p>Dinâmica comportamental Comportamentos entusiastas e de resposta comportamental imediata, porém, silenciosos.</p> <p>CONV1 instiga por assertividade</p> <p>CONV1 esclarece argumentos</p> <p>IND I inscreve-se na discussão mas hesita e baixa-o discretamente (comenta com IND B)</p> <p>CONV1 instiga discussão (introduz nova perspectiva) Comentários em surdina</p>

13:06	Descrição da Obra Obra enquanto Arte		IND F responde à intervenção da IND C IND I intervém CONV1 devolve questão IND B intervém IND J intervém	Dinâmica comportamental Várias inscrições na discussão (colocaram-se de joelhos com dedos bem visíveis) Comportamentos atentos mas agitados acompanham intervenções Tons de vozes calmos
14:35	Título vs Obra	Título vs Obra introduzida pelo CONV1	CONV1 intervém e lança nova questão para a discussão IND J intervém IND J responde à sua questão da Agenda da Discussão IND L intervém CONV1 instiga e remete questão para a IND E IND E responde IND F inscreve-se (dedo no ar) argumenta em desacordo	Dinâmica comportamental CONV1 introduz nova questão (mudança discursiva) Comportamentos atentos, algo agitados e inscrições entusiásticas CONV1 instiga Discussão
16:35			CONV1 corrige observação de IND F	CONV1 rectifica observação IND F contra-argumenta em surdina (cala-se)
17:10				
17:28			IND E responde IND N inscreve-se (dedo no ar) IND G inscreve-se (dedo no ar) e intervém IND N intervém CONV1 intervém e instiga a discussão IND N responde CONV1 indaga outras opiniões IND E intervém	Dinâmica comportamental IND E defende a sua argumentação e enfatiza um pouco o tom de voz Comportamentos atentos mas agitados observam dinâmica e comportamentos aparentemente alheados CONV1 instiga a discussão
20:20	“O que é que se está a subestimar?”	“O que é que se está a subestimar?” introduzida pelo CONV1	CONV1 intervém e lança nova questão para a Discussão IND J inscreve-se (dedo no ar) e procura responder CONV1 instiga por argumentação assertiva IND J responde IND L inscreve-se (dedo no ar) IND C inscreve-se (dedo no ar) e intervém IND L intervém	CONV1 instiga discussão e introduz nova perspectiva (mudança discursiva) Comportamentos atentos e registo de alguma perplexidade
23:40	“A felicidade é subestimada”	“A felicidade é subestimada” reintroduzida pelo CONV1	CONV1 mantém a questão em aberto, porém introduz conceitos iniciais IND E inscreve-se (dedo no ar) e responde a CONV1 IND A intervém CONV1 reforça questão em aberto (rectifica leitura que se está a fazer da obra)	CONV1 reintrodução de conceitos Comportamentos atentos e outros muito agitados (desassossego) CONV1 instiga discussão
26:04			IND G procura responder à questão de CONV1	Narrativas de tendência antropomórficas (sentimentos e atitudes) Comportamentos atentos à intervenção da

27:42			<p>CONV1 reforça questão IND E inscreve-se (dedo no ar) e procura responder</p> <p>IND F intervém</p> <p>CONV1 instiga e reforça questão IND F responde a CONV1</p>	<p>IND G</p> <p>CONV1 instiga a discussão Comportamentos agitados</p> <p>CONV1 instiga a discussão Comportamentos agitados</p>
28:17			<p>CONV1 invoca significação da Obra IND B inscreve-se (dedo no ar) e intervém IND H inscreve-se (dedo no ar) e intervém CONV1 acompanha intervenção de IND H</p>	<p>CONV1 instiga a discussão</p>
29:22			<p>CONV1 instiga por mais intervenções (Silêncio constrangedor)</p>	<p>Dinâmica comportamental Comportamentos atentos mas sem reacção ou capacidade de reacção</p>
31:32			<p>CONV1 apresenta trabalho a ser feito individualmente e encerra a sessão</p>	<p>Comportamentos atentos</p>
32:07			<p>(conversas cruzadas) IND N questiona se a sessão já terminou e CONV1 explica porque terminou sessão</p> <p>CONV1 sugere que o tempo que sobrou seja aproveitado para observarem a restante exposição</p>	<p>Dinâmica comportamental Algumas expressões de perplexidade Crianças-participantes mantêm-se sentadas e questionam CONV1 sobre trabalho que lhes foi pedido.</p>
<p>Obs.</p> <p>- Moderação da sessão cumprida com muita dificuldade devido à falta de sentido crítico que sustentasse e elevasse o desenvolvimento das argumentações. Esta dificuldade poderá ter coincido com a alteração do contexto discursivo pelo CONV1 (14:35 min.) que alterou a dinâmica dos conteúdos já em construção. A partir deste momento observa-se uma alteração da orientação da Discussão que se observa pela dificuldade com que as crianças-participantes desenvolvem os conteúdos teóricos de maior relevância para a discussão em curso. Assim, foi de novo introduzida uma última questão (20:20 min.) e um retorno ao conceito de <i>subestimada</i> (23:40 min.) com que o CONV1 iniciou a Sessão.</p> <p>- Registo de narrativas hipotéticas muito enraizadas em características ou qualidades antropomórficas.</p>				

RETRATOS E ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO POR INDIVÍDUO (Crianças-participantes e Adultos)

Esta análise, tal como foi referenciado no R1A, apoia a necessidade de definir, não só o modelo de participação por indivíduo em relação às categorias balizadas pela ARTD, mas também a sinalização da tipologia do carácter argumentativo de cada uma das crianças participantes.

Visualizar o mapeamento categorial da participação de cada indivíduo (da Fig.32 à Fig.48) e a descrição da respectiva participação na dinâmica do grupo, permitiu aceder a uma maior sensibilização das possíveis relações comportamentais e permitirá avaliar a evolução das suas participações. De igual modo foi integrado o retrato de participação dos facilitadores de modo a compreender a necessidade ou dispensabilidade das suas intervenções, o carácter e tipologia das mesmas.

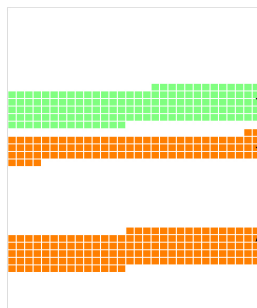


Fig. 32 – IND A (Feminino)

IND A não participou na constituição da **Agenda da Discussão**.

A sua participação foi escassa, porém, incidiram nas questões que sustentaram a subcategoria **Obra enquanto Arte** imprimindo-lhe um carácter algo descritivo e a subcategoria **Título vs Obra** com argumentações escassas em conteúdos críticos e algo particularizado. Observa-se algum carácter empirista nas suas intervenções

O seu comportamento é correcto e o seu tom de voz é bastante sereno

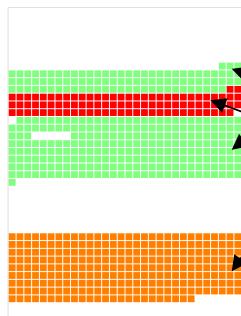


Fig. 33 – IND B (Feminino)

IND B não participou na constituição da **Agenda da Discussão**. A sua participação foi escassa e incidiu nos conteúdos que sustentaram a subcategoria **Obra enquanto Arte** onde acentua a relação observador-fruidor, a subcategoria **Descrição da Obra** e a subcategoria **Título vs Obra** onde se observa uma construção narrativa de estrutura algo analítica, porém, com algum carácter antropomórfico.

O seu comportamento é correcto e enquadrado nas regras de dinâmica da discussão.

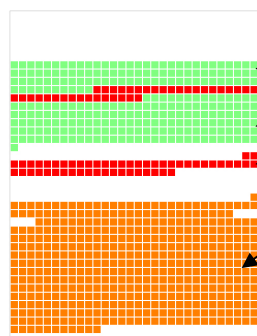


Fig.34 – IND C (Feminino)

A IND C participou na constituição da **Agenda da Discussão**. A sua participação foi regular e incidiu nos conteúdos que sustentaram a subcategoria **Obra enquanto Arte** onde acentua o seu objecto primeiro: a importância da arte. Participa igualmente para a constituição da subcategoria **Descrição da Obra** e a subcategoria **Título vs Obra** onde se observa algum pendor para uma narrativa hipotético-realista, porém, de carácter intuitivo.

O seu comportamento é focado e enquadra-se nas regras de dinâmica da discussão.

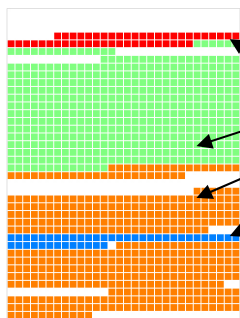


Fig. 35 – IND E (Feminino)

A IND E participou na constituição da **Agenda da Discussão**. A sua participação foi bastante acentuada e incidiu nos conteúdos que sustentaram a subcategoria **Descrição da Obra**, a subcategoria **Obra enquanto Arte** e a subcategoria **Título vs Obra**. Regista-se ainda uma escassa preocupação pela abordagem tardia aos conteúdos da subcategoria “**A felicidade é subestimada**”.

A sua argumentação apresenta um especial interesse pela construção narrativa hipotético-realista associada aos interesses ou motivos que sustentaram a intenção do autor e que se esforça por os contextualizar em relação ao sentido que poderá insurgir da obra. Assim, o esforço para a sustentabilidade argumentativa é reforçado pelo seu carácter empirista.

O seu comportamento é atento e participativo, porém, quando entusiasta regista-se um tom de voz algo acentuado.

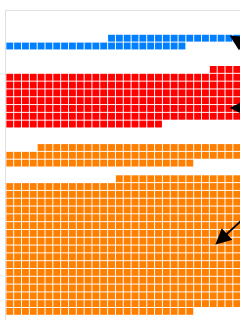


Fig. 36 – IND F Feminino

A IND F participou na constituição da **Agenda da Discussão**. A sua participação foi acentuada e incidiu nos conteúdos que sustentaram a subcategoria “**A felicidade é subestimada**”, a subcategoria **Descrição da Obra** e a subcategoria **Título vs Obra**.

A sua argumentação apresenta céptico-analítico sustentado por uma narrativa hipotética de carácter particular ou intimista, porém, com características fortemente abstractas.

O seu comportamento é atento e participativo e de inscrições perspicazes em relação aos conteúdos a que é sensível ou aliciada.

Registou-se um momento de alguma sensibilidade em relação à intervenção do CONV1 que rectificou a sua observação.

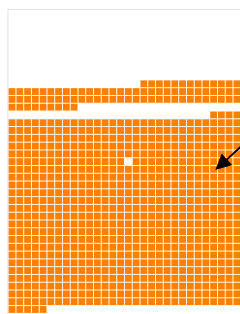


Fig.37 – IND G (Feminino)

A IND G participou na constituição da **Agenda da Discussão**. A sua participação foi escassa e incidiu nos conteúdos que sustentaram a subcategoria **Título vs Obra** onde se observa algum pendor para uma narrativa de carácter empirista com preocupações focadas na percepção das qualidades formais da obra.

O seu comportamento é atento e respeitador das regras de dinâmica da discussão.

Nota: Não há registo de vídeo da IND G por não ter sido autorizado pelos responsáveis de educação.

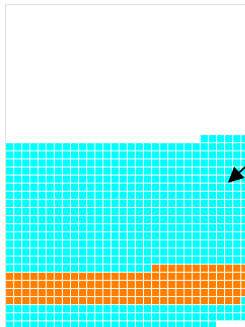


Fig. 38 – IND H Feminino

A IND H não participou na constituição da **Agenda da Discussão**. A sua participação foi escassa e incidiu apenas no final da discussão na subcategoria “**O que é que se está a subestimar?**” com algumas entradas de conteúdos para a subcategoria **Título vs Obra** (dupla categorização).

Apesar da sua escassa participação observa-se nas suas argumentações uma estruturação fundamentalmente intuitiva.

O seu comportamento é atento e respeitador das regras de dinâmica da discussão.

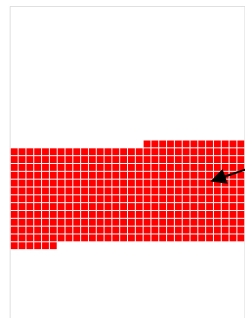


Fig. 39 – IND I Feminino

A IND I não participou na constituição da **Agenda da Discussão**. A sua participação mantém um registo de comportamento pacato, por vezes atenta à circulação das intervenções, porém, nesta sessão, insurgiu-se com uma única intervenção para a subcategoria **Descrição da Obra** relevadora de um carácter analítico especialmente perspicaz.

O seu comportamento é atento e respeitador, e regista-se uma timidez que encontra reforço numa parceria em surdina com a parceira do lado, a IND B.

Nota: Manter observação de uma possível evolução da sua participação no decorrer das próximas Sessões.

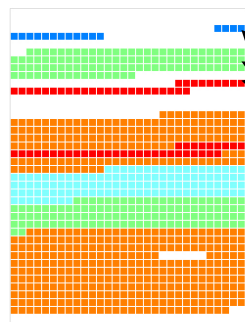


Fig. 40 – IND J Masculino

O IND J participou na constituição da **Agenda de Discussão**. A sua participação foi bastante acentuada e incidiu nos conteúdos iniciais que sustentaram a subcategoria **Descrição da Obra** e a subcategoria “**A felicidade é subestimada**” e subcategoria **Obra enquanto Arte**. Posteriormente, a sua participação focou-se com maior intensidade aquando da introdução da subcategoria **Título vs Obra** que sustentou com elementos também associados à subcategoria **Obra enquanto Arte** e à subcategoria “**O que é que se está a subestimar?**”

Não se registam quaisquer intervenções directas do IND J para a última questão da **Discussão**.

A sua argumentação mantém as suas características analítico-empirista de cariz fortemente perspicaz aos conteúdos em discussão.

O seu comportamento é atento e respeitador, porém, nesta sessão registou-se uma diminuição do seu entusiasmo inato.

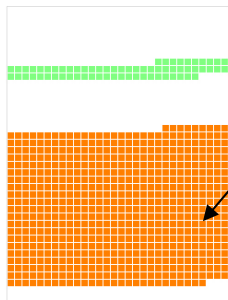


Fig. 41 – IND L Masculino

O IND L participação na constituição da **Agenda de Discussão**. A sua participação foi escassa e incidiu nos conteúdos que sustentaram a subcategoria **Título vs Obra** com conteúdos estruturados em narrativas hipotéticas onde incidia um carácter intuitivo algo individualizado. O IND L revela ainda uma maior preocupação pelos conteúdos em discussão.

O seu comportamento é atento e respeitador das regras de dinâmica da discussão.

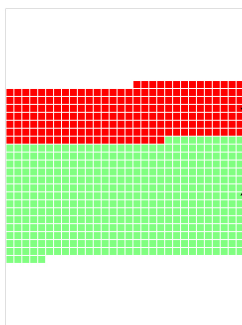


Fig. 42 – IND M (Masculino)

O IND M não apresentou qualquer questão para a constituição da **Agenda de Discussão**. A sua participação foi escassa e incidiu apenas com os conteúdos iniciais sustentaram a subcategoria **Descrição da Obra** e subcategoria **Obra enquanto Arte**.

A sua argumentação mantém características analíticas algo perspicazes. O IND M revelou-se assertivo e atento aos conteúdos formais da obra em referência.

O seu comportamento é entusiasta, porém, revelou alguma desmotivação e alheamento aparente na segunda metade da discussão.



Fig. 43 – IND N (Masculino)

O IND N participou na constituição da **Agenda de Discussão**.

A sua participação foi acentuada e incidiu nos conteúdos que sustentaram a subcategoria **Obra enquanto Arte**, a subcategoria **Descrição da Obra** e a subcategoria **Título vs Obra**.

A sua argumentação inicial revelou um interesse focado no objecto da discussão – Arte, e fê-lo de modo assertivo e sensível aos conteúdos. Posteriormente acompanhou os interesses da discussão registados na subcategoria **Título vs Obra** com a mesma acuidade. A sua narrativa revela um carácter analítico moderado por um comportamento fortemente atento, respeitador das regras da discussão e participativo.

No final da discussão mostrou-se algo perplexo com a interrupção da mesma.

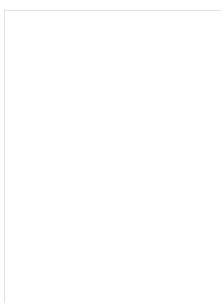


Fig. 44 – IND O (Masculino)

O IND O não esteve presente nesta Sessão

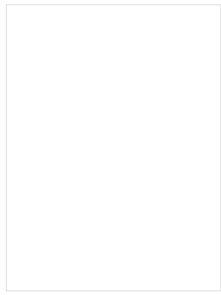


Fig. 45 – IND P (Masculino)

IND P manteve-se silencioso durante toda a sessão, o seu comportamento é atento aos movimentos gerados pelas intervenções dos colegas, de alguns focos de distrações (como conversas ou actividades paralelas e deslocadas da discussão) e ainda, apresenta registos de alheamento efectivo.

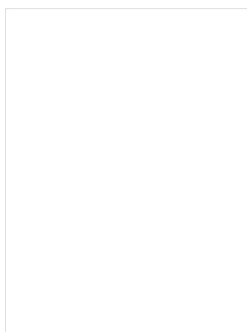


Fig. 46 – IND Q (Masculino)

O IND Q não participou na Sessão. O seu comportamento é inicialmente atento aos movimentos gerados pelas intervenções dos colegas, revelando-se, posteriormente, sensível a todos os focos de distrações (como conversas ou actividades paralelas e deslocadas da discussão). Apresenta ainda alguns registos de alheamento efectivo.

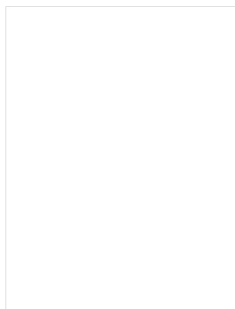


Fig. 47 – INV (Feminino)

A INV foi responsável por explicar às crianças participantes o objectivo da Sessão, como é que esta se desenrolaria e como utilizar o MP4 enquanto “passa-palavra”.

Dada a natureza sensível e peculiar desta Sessão, a INV optou por não participar directamente na moderação da mesma em parceria com o CONV1 mantendo-se, antes, atenta às flutuações da dinâmica discursiva e comportamental dos restantes participantes.

A opção optada não foi discutida previamente com o CONV1, foi puramente adoptada por adaptação directa ao fenómeno em curso.

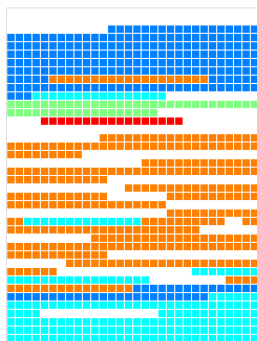


Fig. 48 – CONV1 (Masculino)

As intervenções do CONV1 foram intensas e presentes em todas as fases da discussão.

A sua forte moderação e a introdução da temática **Título vs Obra** alterou fortemente o rumo discursivo criado inicialmente pelos interesses exclusivos das crianças-participantes. Posteriormente, e uma vez que as mesmas não conseguiam desbloquear conteúdos críticos e reveladores de uma leitura mais perspicaz da relação Obra/Título, o CONV1 reformulou por mais duas vezes possibilidades estruturantes de outros conteúdos os sentidos, que não suscitaram

os efeitos almejados.

A moderação desta Sessão foi especialmente difícil e algo desapropriada aos interesses anunciados inicialmente e estruturados pela subcategoria **Obra enquanto Arte**, toda ela sustentada pelos conteúdos e interesses revelados pelas intervenções das crianças-participantes.

A ter em atenção:

- Por muito pouco reveladores que os conteúdos introduzidos pelas crianças-participantes possam parecer, os mesmos estruturam uma narrativa colectiva à qual se adapta, por vezes, activa e ferozmente, uma vontade submersa, que ao ser removida da **Discussão** arruína ou embarga a construção de sentidos;
- O Discurso exterior ao corpo colectivo formado pelas crianças-participantes é-lhes estranho e entendido como desorganizador das suas estruturas internas;
- O grupo formado interage dentro e fora das Sessão de Filosofia que lhes são proporcionadas, pelo que, há que respeitar a diferença discursiva que lhes é constitutiva e assistir, apenas em modo de moderação, à sua sustentação, desenvolvimento e possível progressão;
- Jamais apresentar conteúdos ou sentidos previamente criados ou discutidos por um determinado grupo de crianças-participantes em qualquer Sessão, por “aparência temática”, pois a cada grupo assiste um discurso colectivo natural inerente às suas estruturas relacionais internas e, por isso, intransmissível e inadapável a outro grupo.

CONCLUSÕES FINAIS

A análise à estrutura desta discussão permite localizar e distinguir momentos¹ distintos na dinâmica da discussão:

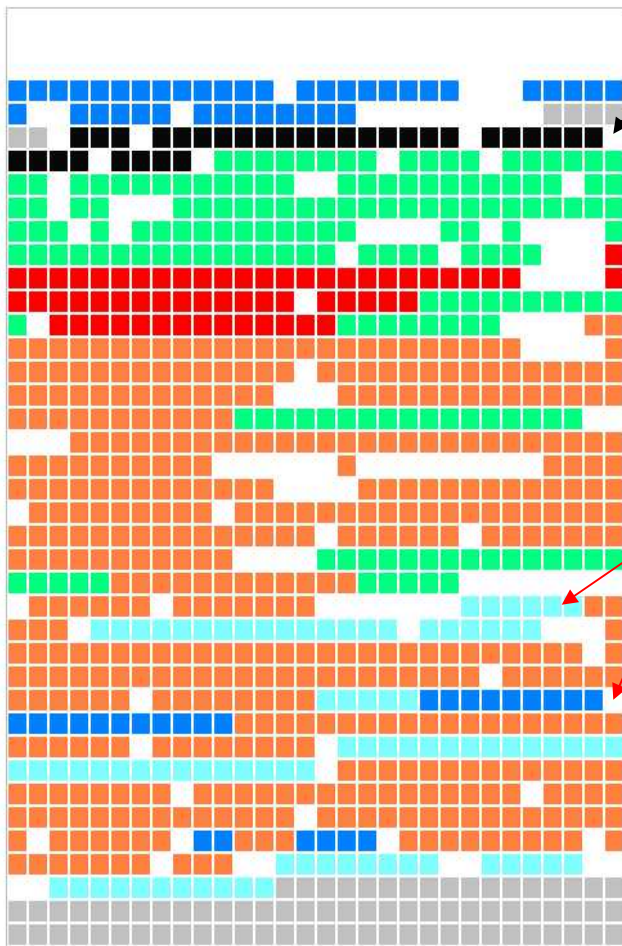


Fig.49 – RRTD3B

1. Momento de interpretação em que as crianças percebem os elementos constituintes da obra referenciada e com os quais estruturam uma **Agenda da Discussão**;

2. Momento de contextualização em que as crianças procuram responder a algumas questões da **Agenda da Discussão** ou derivadas destas sem se focarem especificamente em nenhuma delas. As abordagens são múltiplas, por isso, por vezes constituem momentos de passagem ou flutuantes;

3. Momento em que as crianças-participantes desenvolvem discursos associados a interpretações focalizadas em conceitos interpretativos muito direcionados que exigem uma sustentabilidade suportada por discursos de estruturação narrativa (reais ou hipotéticos) que reforçam as suas argumentações.

Legenda:

■	Subcategorias da Discussão
■	"A felicidade é subestimada"
■	Agenda da Discussão
■	Obra enquanto Arte
■	Descrição da Obra
■	Título vs Obra
■	"O que é que se está a subestimar?"
■	(Registos comportamentais)

Questões derivadas da ARDG

1. O que significa subestimar?
2. Qual é o significado de arte?
3. Se são muletas, porque é que estão pegadas?
4. Porque é que o título diz que "A Felicidade é Subestimada" e a peça são muletas?
5. O que é que nós estamos a subestimar?

¹ Nesta 3ª Sessão B não foi observado a constituição do 4º momento da dinâmica da discussão que, habitualmente, assina-la a entrada de argumentações ou discursos de cariz abstracto.

INTERPRETAÇÃO

A **Agenda da Discussão** gerou sete questões (Fig.50). As questões reveladas pela **Agenda da Discussão** foram sustentadas pela observação directa da **Obra** que de imediato se revelou como o contexto e foco de atenção.

Agenda da Discussão	
1ª. Porque é que caiu um meteorito em cima da água?	IND H (Feminino)
2ª. Não sei se aquilo é um meteorito	IND G (Feminino)
3ª. Não sei o que é aquela coisa azul	IND J (Masculino)
4ª. O que é que aconteceu à floresta?	IND C (Feminino)
5ª. Porque é que os <i>aliens</i> estão a destruir a lua?	IND F (Feminino)
6ª. Aquilo é terra ou água?	IND N (Masculino)
7ª. Onde fica aquela paisagem?	IND B (Feminino)
8ª. Aquela coisa azul é uma árvore a cair?	IND E (Feminino)

Fig. 50 – Agenda da Discussão
(Questões)

Assim, a 1ª, 2ª e 7ª Questão constituíram a subcategoria **Descrição da Obra** que se estrutura segundo uma abordagem fortemente perceptiva da Obra em referência; a 3ª Questão surge como uma reserva algo perspicaz ao colocar em causa se a **Obra** em referência serve o seu domínio ou condição – **Arte**; e ainda, a 4ª, 5ª e 6ª Questão focam-se no sentido do **Título** intrinsecamente associado à compreensão do significado do termo **Subestimar**.

As crianças, quando entraram no espaço da exposição foram de imediato sentadas numa formação de meia-lua de modo a incluírem e privilegiaram a aproximação à obra destinada à discussão.

A **Agenda da Discussão** foi antecedida pela apresentação e discussão prévia do significado dos termos constituintes do título da obra pelo CONV1, por sua vez, a INV lembrou as crianças-participantes sobre os procedimentos a ter em conta na Sessão. Seguidamente, concederam-se uns minutos de observação focada na obra e registaram-se as questões constituintes **Agenda da Discussão**.

Registaram-se pedidos imediatos de inscrição na **Discussão** com comportamentos atentos ao cumprimento das regras de inscrição próprios de uma sessão de Filosofia com Crianças.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta Sessão registaram-se momentos distintos de contextualização.

Numa primeira fase foi apresentado pelo CONV1 um esclarecimento sobre os conteúdos significativos constituintes do próprio título da obra “**A felicidade é subestimada**”, tendo incidido fortemente no termo *subestimar*. Nesta fase não se registaram comportamentos de agitação, mas sim de atenção e de participação focada na compreensão do significado do termo *subestimar* e ainda, na observação da obra.

Numa segunda fase registaram-se ideias, conceitos ou questões imbuídos directamente nos interesses revelados pela **Agenda da Discussão** e que, no contexto da ARTD se repercutiu na estruturação da subcategoria **Obra enquanto Arte** que procura assegurar o melhor enquadramento, ou contexto, para o entendimento do que se irá constituir – discussão de uma obra de arte, o que revelou, de igual modo, a disponibilidade comportamental das crianças-participantes ao fenómeno em análise que considera o contexto em questão próprio de um referente específico e de um contexto teórico onde ficam patentes termos que o referem como: *inventado, arte (inútil, agradável e diferente) ou intenção do autor*; e, ainda, da subcategoria **Descrição da Obra** que estabelece o primeiro instante de carácter puramente perceptivo da *Obra*, porém, a sua pertinência na argumentação apresentada revela-se na importância que esta pode ter no modo como se observa e interpreta a obra ou os elementos que a constituem.

Numa terceira e última fase observou-se a introdução da subcategoria **Título vs Obra** pelo CONV1 que altera o rumo da **Discussão** ao introduzir uma questão fora do contexto que se estava a edificar (uma vez que os registos imediatamente anteriores revelam a vontade de abordar a peça enquanto *Obra de Arte* e fruto da *Intenção do autor*); e, ainda, da subcategoria **“O que é que se está a subestimar?”** originada directamente da questão de apoio colocada pelo CONV1, com o objectivo de apoiar à focalização de possíveis conteúdos fixos com dificuldade de expansão narrativa que surgiram na questão anterior, uma vez que, próximo do final da **Discussão**, as crianças-participantes não haviam conseguido perspectivar o desenvolvimento narrativo associado à peça e à relação intrínseca desta com o significado do título, o que culminou com um silêncio inquietante e generalizado que pôs fim à **Discussão**. É nesta última fase que foram considerados dois momentos de passagem ou flutuantes muito específicos: o que questiona O que é que nós estamos a subestimar? e ainda a reintrodução do termo *subestimar* estabelecido no início da sessão e estruturado na subcategoria **“A felicidade é subestimada”**.

Pelo que foi referido, sobre as dificuldades causadas à dinâmica natural da discussão, estes serão considerados momentos de passagem ou flutuantes artificiais.

No que diz respeito à dinâmica de grupo, não se verificaram quaisquer comportamentos físicos de aproximação à obra. Apesar dos muitos registos atenção e de alguma quietude física, registaram-se de igual modo alguns comportamentos de alheamento aparente. Não houve qualquer necessidade de intervenção por parte dos facilitadores para que se retomasse a ordem normal dos comportamentos.

DISCURSO COM ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA

Os momentos em que os discursos se desenvolveram segundo uma estrutura narrativa focaram-se, na sua grande maioria, no contexto da subcategoria **Obra enquanto Arte** e da subcategoria **Título vs Obra**. Estas narrativas caracterizam-se por serem hipotéticas de conteúdos inscritos num real possível Ex: “Eu acho que a felicidade está a ser subestimada porque uma pessoa está a usar as muletas porque precisa e é uma felicidade para ela ter umas muletas para a ajudar andar durante esse tempo que está mal do pé ou da perna. Mas depois, de estar bem já não liga muito às muletas e aí é que a felicidade fica subestimada” IND C (Feminino) ou Ex: “Eu acho que o senhor que fez

esta escultura, se calhar, aconteceu alguma coisa que o fez andar de muletas. Então, fez estas gigantes grandes porque ele nunca as poderia usar. Acho que é esse o sentido, é a felicidade de já não as usar e de não poder usar estas.” IND E (Feminino), e outras, ainda, mais raras, muito enraizadas em características ou qualidades antropomórficas Ex: “Eu acho que subestimamos a felicidade que as muletas nos dão ao esquecermo-nos que elas nos ajudam a andar.” IND B (Feminino).

DISCURSO ABSTRACTO

Nesta 3ª Sessão B não foi observado a constituição do 4º momento da dinâmica da discussão que habitualmente assina-la a entrada de argumentações ou discursos de cariz abstracto.

REGISTO DE CONTROLO

O necessário ajustamento do modelo de Lipman, a sua transferência para outro discurso associado à *leitura e interpretação* de obras de arte, obriga a que haja, desde o início do trabalho de campo, a preocupação de assegurar a qualidade e rigor dos procedimentos.

O Relatório da 3ª Sessão B debruçou-se sobre o possível discurso e discussão em torno de uma obra de Rui Chafez, *A Felicidade é subestimada*, em exposição temporária no CCMA em Fevereiro 2011.

A Sessão foi realizada num contexto público (CCMA), procedendo ao percurso necessário e integrador da principal questão desta investigação. Assim, a Sessão realizou-se segundo os pressupostos principais definidos por Matthew Lipman para Filosofia com crianças e promoveu a experiência fundamental para um melhor entendimento do discurso que a interacção com a Obra poderia suscitar.

ANÁLISE DA OBRA E ENQUADRAMENTO NO ESPAÇO

Sessão: 3ª Sessão: Rui Chafez, *A Felicidade é subestimada*

Exposição: XXI

Data: 11 Fevereiro 2011

Local: CCMB (Algés)

Horas: 14:30h até cerca das 15:10h (Sessão de Filosofia seguida de visita parcial da exposição)

Participantes: IND A, IND B, IND C, IND E, IND F, IND G (que não é filmada), IND H, IND I, IND J, IND L, IND M, IND N, IND P, IND Q, CONV 1, INV.

Critérios metodológicos	Relevância	Para critérios metodológicos manteve-se a abordagem dedutiva dos fenómenos observados tendo estes sido fortemente conduzidos pela teoria e pela questão de investigação.
	Enquadramento temático	As crianças não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização da obra seleccionada.
	Referências anteriores	Sem visita anterior à exposição.
Leitura da Obra	Características formais	Obedeceu ao protocolo associado ao da Filosofia com Crianças (à excepção da integração da Obra de Arte)
	Interpretação da Obra	Sendo esta a 3ª Sessão em que estas crianças participaram, verificou-se uma rápida adaptação dos seus discursos e comportamentos à alteração ao objecto em discussão. Observou-se à estruturação de ideias associadas e interpretativas mas sem registos de aproximação e afastamento à obra durante a discussão.
Espaço museológico	Localização	CCMB (Algés) ao qual acedemos por transportes públicos.
	Leitura/percepção	Foi considerado: a disposição física dos participantes e formação de meia-lua de modo a que todos pudessem visualizar as obras e para que esta fosse integrada no “circulo da discussão”; que as crianças percorressem livremente a sala de exposições onde estavam expostas várias obras.
	Integração na exposição	A percepção da obra manteve em isolamento ou desassociada das restantes peças presentes na sala. Quando sentadas, a posição em meia-lua foi respeitada e as suas intervenções mantiveram-se enquadradas com a presença da obra.
<p>Obs: As crianças não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização da obra seleccionada até à introdução forçada de conteúdos não especulados pelas próprias.</p>		

AVALIAÇÃO DA SESSÃO

Sessão: 3ª Sessão: Rui Chafez, *A Felicidade é subestimada*

Exposição: XXI

Data: 11 Fevereiro 2011

Local: CCMB (Algés)

Horas: 14:30h até cerca das 15:10h (Sessão de Filosofia seguida de visita parcial da exposição)

Participantes: IND A, IND B, IND C, IND E, IND F, IND G (que não é filmada), IND H, IND I, IND J, IND L, IND M, IND N, IND P, IND Q, CONV 1, INV.

(1) ENTRADA NO CAMPO		
Declarações	Individuais	Participação da maioria à excepção de 2 elementos (IND P e IND Q); participações individuais foram maioritariamente respeitadoras e integradas nos objectivos esperados. Alguns registos de alheamento.
	Grupo	Intervenções iniciais procuram associar-se à obra em presença. (Fig.1). Narrativas muito associadas à percepção e contextualização dos elementos referidos na Agenda de Discussão; à defesa ou apresentação de argumentações através da construção de narrativas hipotéticas reais que as sustentassem.
	Professor	Muitas intervenções por necessidade da própria dinâmica de grupo da fragilidade das argumentações (pouco estruturadas e pouco assertivas) e introdução desviante de tema. Moderação de carácter vinculatório.
	Investigadora	A INV optou por não intervir.
	Outros	-
Comportamentos	Individuais	Inscrição na discussão através do “dedo no ar”; comportamentos de atenção, entusiasmo e alguns registos de silêncio constrangedor. Alguns registos de alheamento aparente e efectivo.
	Grupo	Comportamentos de atenção e de alheamento; cumprimento das regras da discussão.
	Professor	Moderou sozinho a sessão.
	Investigadora	Comportamentos associados à organização do equipamento; registo da sessão; não participou na moderação da sessão.
	Outros	-
Obs.		

(2) DISCUSSÃO				
Obras de arte	Tempo de leitura	1 minuto e 14 segundos (após explicação de objectivos)		
	Comport. Físico	No 1º momento as crianças fizeram uma aproximação directa à obra e de seguida sentaram-se em meia-lua diante da mesma.		
	Comport. Relacional	Comportamentos de empatia e complementaridade discursiva; respeito pela ordem de intervenção.		
	Relevância	Obra	Obra seleccionada revelou-se estimulante à percepção visual e à constituição de teoria.	
		Temáticas	Constituição de um leque de interesses focado e outros deslocados por intervenção na moderação da discussão.	
Discussão		Registo de 3 momentos: “leitura” das obras; constituição da Agenda de discussão; Discussão.		
Investigação		As intervenções possibilitaram inferir tipologias do carácter argumentativo; e um enquadramento de uma moderação difícil.		
A. Discussão	Grau de participação	Participação contextualizada		
	Relevância	Temática	Participação alargada com a formulação de 7 questões que apresentaram uma maior relação com a temática <i>Arte</i> ; narrativas de contextualização hipotética real; narrativas iniciais com contextualizações muito associadas a temas próprios da <i>obra</i> e das <i>intenções do autor</i> .	
Discussão		As 7 questões da Agenda da Discussão formularam o carácter inicial da Discussão. Intervenção iniciais ricas em elementos para a sustentabilidade das várias análises de conteúdo. Posterior alteração temática e consequente perda de estruturação discursiva		
Discussão	Dinâmica	Grupo	Comportamentos em cumprimento das regras da discussão; intervenções integradas no assunto em discussão. Adaptação à dinâmica de grupo na discussão. Alguns elementos com vários registos de alheamento aparente e efectivo.	
		Indivíduos	Todas as crianças participaram na Sessão, à excepção de duas.	
		Professor	Moderação exclusiva.	
		Investigadora	Não interveio na moderação da discussão	
	Acções	Interrupções acidentais	Não se verificou	
		Interrupções provocadas	Não se verificou	
		Comportamentos físicos	Não se registaram aproximação às obras	
	Argumentações	Narrativas	Estruturadas segundo distinções perceptivas; validaram as áreas temáticas; ocorreram simultaneamente e em integração com momentos de contextualização naturais ou propositados (<i>momentos de passagem ou flutuantes</i>).	
		Argumentativas	Verificaram-se	
		Normativas	Não se verificaram	
		Estruturalistas	Verificaram-se	
		Jocosas	Não se verificaram	

(3) OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE		
Comportamentos	Flexibilidade	Verificou-se
	Objectividade	Verificou-se
	Empatia	Verificou-se
	Indução/Persuasão	Não se verificou
	Integração no grupo	Boa integração no grupo.
	Avaliação do grupo	Empático, boa disposição, participações constantes e interessadas que contrastaram com outras de alheamento.
Moderação	Direcção formal (limitada à Agenda)	Não se verificou.
	Condução temática (introduz outras questões)	Não se verificou.
	Orientação da dinâmica	Não se verificou
Preparação da sessão	Adequação da obra	A relação das obras e do espaço da exposição até à obra em questão foi um elemento considerado e essencial à integração dos participantes. Foi tido em conta que a sessão já havia sido preparada para o Grupo A.
	Adequação ao grupo	Verificou-se uma aceitação e algo motivada na integração dos pressupostos expostos para a sessão com um objecto de arte. Apesar de registos de desinteresse por parte de alguns elementos, em geral considera-se a obra adequada aos elementos participativos do grupo.
	Adequação à discussão	Adequada e incitadora da discussão
	Benefícios	Abordagem espontânea ao espaço e à obra em referência para a discussão.
	Dificuldades encontradas	A moderação deslocada (por parte do CONV1) que promoveu uma estrutura argumentativa repetitiva e fechada
<p>Obs. Exclusão da INV da moderação de modo a não minimizar uma maior desordem na dificuldade de estruturação dos dados fornecidos e em consideração. Verificar alteração de comportamentos nas crianças que participaram pouco e nas que não participaram.</p>		

AValiação da construção de teorias enraizadas²

1	Os critérios foram concebidos?	Critérios de análise foram geradores de novas possibilidades teóricas (efeitos potencializadores de uma <i>moderação cíclica</i> e fechada)
2	Os conceitos estão sistematicamente relacionados?	Os conceitos foram sistematicamente relacionados ao longo de todo este Relatório
3	Há muitas ligações conceptuais e as categorias estão bem elaboradas? As categorias têm densidade conceptual?	As ligações conceptuais foram devidamente sustentadas bem como a elaboração das categorias, apresentam densidade conceptual e estruturação sustentável à formação de teoria.
4	Há muita variedade introduzida na teoria?	Considerou-se pertinente a variedade que se verifica introduzida na teoria.
5	As condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação?	Confirma-se (alteração do objecto de discussão e a realização da sessão com obra de arte não alteraram a essência do paradigma proposto por Lipman). As dificuldades irão sustentar uma validação das consequências da moderação.
6	O “processo” foi tido em linha de conta?	Sim, o processo bem como a natureza específica desta sessão respeitaram a natureza do fenómeno revelado.
7	Os resultados teóricos parecem significativos? Em que medida? O que reflectem? <ul style="list-style-type: none"> ➤ “o ponto de vista do sujeito”; ➤ Descrição dos ambientes; ➤ Interesse na produção da ordem social ➤ Reconstituição das “estruturas de profundidade, geradoras da acção e do significado”? 	Efectivamente, na medida em que se pode verificou uma alteração e adaptação comportamental dos participantes, verificou-se alterações conceptuais na categorização, observou-se intensamente as consequências da moderação; A alteração das suas especificidades discursivas; Adaptabilidade e controlo do ambiente; Domínio das dinâmicas de moderação A análise de vídeo revelou como a tipologia de moderação (moderação cíclica) se enquadra e os efeitos que causa na dinâmica discursiva

² Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 237)

AValiação DO PROCESSO DE PESQUISA³

1	<p>Como foi constituído o grupo original? Com que base (selecção de grupo)?</p>	<p>O grupo enquadra-se no conceito de grupo focalizado (amostra teórica). Para esta sessão, foi constituído um grupo de 12 crianças (5 Femininos e 7 Masculinos) e 2 adultos (1 Feminina e 1 Masculino)</p>
2	<p>Que categorias principais emergiram?</p>	<p>Agenda da discussão, Discussão.</p>
3	<p>Quais foram os acontecimentos, incidentes, acções etc., que serviram de indicadores para aquelas categorias?</p>	<p>Moderação de abordagem intensa e demasiado interventiva (moderação cíclica)</p>
4	<p>Que categorias serviram de base ao prosseguimento da amostragem teórica, ou seja, como é que as formulações teóricas guiaram parte da colecta de dados? Depois de efectuada a amostragem teórica, que representatividade provaram ter estas categorias?</p>	<p>Prática inscrita na Filosofia com Crianças desde os 3 anos de idade; adaptabilidade ao protocolo proposto, perfeita integração no panorama pedagógico-científico da Cooperativa de Ensino a Torre. Revelaram um potencial movimento interno no que diz respeito às dialécticas suscitadas pela dinâmica de grupo, e a alteração destas provocadas por uma moderação conduzida</p>
5	<p>Quais foram as hipóteses centrais acerca das relações entre as categorias? Em que bases foram formuladas e testadas?</p>	<p>Hipóteses centralizaram-se na continuidade conceptual apresentada nas intervenções e pelas dificuldades reveladas pela dinâmica da própria discussão. Formuladas e estudadas a partir dos pressupostos metodológicos da <i>grounded theory</i>.</p>
6	<p>Houve casos em que as hipóteses não se mantiveram, face ao realmente observado? Como foram explicadas as discrepâncias? Como foram efectuadas as hipóteses?</p>	<p>Verificou-se uma alteração na dinâmica interna da Discussão após introdução de questão exterior aos interesses da discussão. Tipologia de moderação Verificação por afinidade de estruturação de conteúdos revelados.</p>
7	<p>Como e porquê foi escolhida a categoria nuclear? A selecção foi repentina ou gradual, fácil ou difícil? Em que bases foram tratadas as decisões da análise final? Como apareceram nessas decisões os critérios “vasto poder explicativo” e “relevância” em relação ao fenómeno estudado?</p>	<p>Pela escolha do objecto em referência e pela natureza da Discussão efectivada. A análise foi gradual, porém, com contextualizações difíceis de formular. A análise final foi decidida obedecendo ao pressuposto de respeitar o fenómeno tal como este se apresenta. O seu <i>vasto poder explicativo</i> reflecte-se fortemente no contexto descrito pelo próprio fenómeno, a sua <i>relevância</i> inscreve-se na tipologia de teoria revelada e que se sustenta na metodologia de uma moderação a aplicar e das suas possíveis consequências, positivas ou negativas, para uma Sessão desta natureza.</p>

³ Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 236)